

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**JOVEM EM SITUAÇÃO DE DESEMPREGO:
HABILIDADES SOCIAIS E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO**

ROMILDA GUILLAND

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em Psicologia, Área de concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janine Kieling Monteiro

São Leopoldo, 2010

À Helônia Maria, Loraine,
Pedro, Julio e Lucas pelo meu amor a
vocês. Ao meu avô que partiu durante esta
caminhada, deixando saudades do seu
jeito simples e alegre de olhar a vida.

AGRADECIMENTOS

A bolsa do Santander que me possibilitou realizar o sonho de ser mestre.

A minha orientadora, Janine Kieling Monteiro, pela dedicação e segurança com que me orientou, desde o início deste trabalho, e pela paciência e atenção que teve comigo ao longo desses meses.

A professora Denise Facke, pelo carinho e amizade com que conduziu minha aprendizagem no estágio de docência e na revisão deste estudo.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica que colaboraram para a concretização deste sonho.

Aos coordenadores dos SINES, João Natalício Alves, Ângela Lauser, Débora M. Muller e Roberto B. de Souza, que acreditaram neste trabalho e abriram as portas para que ele pudesse ser realizado.

Aos professores Maria Lusia Espinosa de Oliveira, Cláudio Kaiser, Marcelo Belmiro Bischoff, Valmir Carlos Minks, Luis Fernando de Jesus e Claudio Heinrichs Junior pelo carinho com que acolheram esta pesquisa em suas escolas.

Aos alunos de psicologia, Luísa Boeira, Gabriel Levandowski, Paula Maiara dos Santos, Andréia de Moura Martins e Laís Duarte, que gentilmente se interessaram e colaboraram com este estudo.

Aos jovens participantes em situação de desemprego, pela coragem e disposição para compartilhar suas vivências, opiniões e sentimentos.

Ao amigo Hubert Matte, pelos diálogos, leituras e apoio. Muito obrigada.

A todos os amigos e amigas, que gentilmente entenderam minha ausência e compreenderam que estava sendo realizada mais uma etapa importante de minha vida.

Aos meus familiares Luis e Eronita, que me apoiaram em todos os momentos desta caminhada.

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	6
Resumo	7
Abstract.....	8
Apresentação	9
1 Seção I - Artigo teórico: Jovem e desemprego: o estado da arte.....	10
2 Seção II - Artigo empírico: Jovem em situação de desemprego: habilidades sociais e bem-estar psicológico.....	27
3 Seção III - Relatório da Pesquisa.....	50
3.1 Introdução	50
3.2 Justificativa teórica	51
3.2.1 Jovem em situação de desemprego e bem-estar psicológico.....	51
3.2.2 Desemprego e habilidades sociais	53
3.3. Objetivos.....	55
3.4 Método.....	55
3.4.1 Delineamento	55
3.4.2 Participantes.....	56
3.4.3 Instrumentos	57
3.4.4 Considerações Éticas	57
3.4.5 Procedimentos de coleta de dados	57
3.4.6 Descrição do local.....	58
3.4.7 Procedimento de análise de dados	58
Caso André	59
Caso Berê.....	61
Caso Débora.....	64
Caso Carlos	66
3.4.8 Integração dos casos	69
4 Considerações finais do relatório	72
Referências	74

Anexos.....	81
Anexo A - Questionário sócio-demográfico.....	82
Anexo B - Questionário de Saúde Geral 12 – QSG-12.....	85
Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	87
Anexo D - Entrevista semi-estruturada.....	88
Anexo E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido... ..	90
Anexo F - Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa.....	91

Lista de Tabelas

Tabela 1. Dados demográficos da amostra.....	36
Tabela 2. Análise descritiva do IHS total e gênero	44
Tabela 3. Níveis de saúde	45
Tabela 4. Análise descritiva do QSG-12	46
Tabela 5. Descrição dos participantes	56

RESUMO

Com o objetivo de investigar a relação entre habilidades sociais e bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego, foram realizados dois estudos. O primeiro foi de cunho quantitativo, descritivo e correlacional o segundo tratou-se de uma pesquisa qualitativa. Participaram do primeiro estudo 232 jovens, com idades entre 18 e 24 anos ($M = 20$, $DP = 2$), sendo 50,4% do sexo masculino e 49,6% do sexo feminino. O tempo de desemprego variou entre 6 e 48 meses, com média de 9,56, sendo que 53,4% dos jovens deste estudo pediram demissão de seu emprego. Foram utilizados três instrumentos: um Questionário sócio demográfico, o Inventário de Habilidades Sociais – IHS e o Questionário de Saúde Geral – QSG 12. A análise dos resultados revelou que houve correlação significativa entre habilidades sociais e bem-estar psicológico ($r=-0,17$; $p<0,05$) indicando que, entre os jovens desempregados, quanto maior for o índice de habilidades sociais maior é o nível de saúde. Os fatores observados que podem aumentar o tempo de desemprego foram: ser mulher, baixo nível de escolaridade, ter tido trabalho informal e não ter apoio dos pais. Os trabalhadores, que no passado tiveram vínculos formais de trabalho, possuíam menor bem-estar psicológico do que os de vínculos informais. No segundo estudo, foram selecionados do estudo 1 quatro jovens, dois que obtiveram o maior e o menor escore no IHS e dois que obtiveram o maior e o menor escore no QSG-12. A apreciação do material coletado revelou que o conhecimento adquirido em sala de aula e em cursos de aperfeiçoamento e uma boa relação familiar podem auxiliar o jovem a desenvolver um bom repertório de habilidades sociais. Por outro viés, fatores emocionais, como a ansiedade, podem diminuir a capacidade do jovem em perceber a realidade e, conseqüentemente, reduzem a freqüência das atitudes assertivas. Alguns aspectos aliados a falta de emprego como falta de moradia e pouco ou nenhum apoio familiar podem diminuir o nível de bem-estar. Sugere-se que as questões destacadas em ambos os estudos – quantitativo e qualitativo - devem ser consideradas no planejamento de futuras intervenções psicossociais de cunho preventivo para a população jovem em situação de desemprego.

Palavras-chave: jovem; desemprego; habilidades sociais; bem-estar psicológico.

ABSTRACT

Aiming at researching the relation between social skills and psychological well-being of unemployed young adults, two investigations were developed. The first one was a quantitative descriptive and correlational investigation and the second was a qualitative research. In the first study 232 young adults, aged between 18 and 24 years old ($M = 20$; $DP = 2$), participated. Out of these, 50,4% were male and 49,6%, female. Unemployment period varied between 6 and 48 months, with an average of 9,56, which included 53,4% of the subjects having resigned from their jobs. Three instruments were employed: a sociodemographic questionnaire, a social skills inventory (Inventário de Habilidades Sociais – IHS) and the General Health Questionnaire – GHQ 12. The data analysis showed a significant correlation between social skills and psychological well-being ($r = -0,17$, $p < 0,05$) indicating that among the unemployed youngs, that the higher the index of social skills is the most level of health. The factors that may raise the time of unemployment include: being female, low schooling level, informal jobs and lack of parental support. The workers who in the past had formal jobs showed lower psychological well-being than those who had informal jobs. In the second study, four young adults that participated in the first study were selected. Two had the highest score and lowest score in the IHS and two had the highest score and lowest score in the GHQ-12. The analysis of the material reveals that the knowledge acquired in classroom and in extra courses and a good family relationship may aid the young adults to develop a good repertoire of social skills. However, emotional factors, such as anxiety, may diminish young adults' abilities to perceive reality and, as a consequence, reduce the frequency of assertive attitudes. Some aspects linked to the lack of a job such as homelessness, little or none family support may diminish the level of well-being. It is suggested that the issues raised in both studies - quantitative and qualitative - must be taken in consideration to plan future psychosocial interventions amongst unemployed youngsters.

Key-words: young adults; unemployment; social skills; psychological well-being.

Apresentação

A perda do trabalho, para o jovem, representa não somente a redução de sua condição econômica, mas a perda de um *status* social, que pode afetar negativamente a sua saúde mental. A presente pesquisa aborda a relação entre as habilidades sociais e o bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego, para tanto foram desenvolvidos dois estudos: um quantitativo, descritivo e correlacional e outro qualitativo. As reflexões que deram origem ao tema de pesquisa tiveram início na prática profissional da autora na área da Psicologia Organizacional e do Trabalho. Ao desenvolver a atividade de Recrutamento e Seleção constatou-se que havia um grande número de jovens em situação de desemprego. Através da revisão da literatura foi possível perceber que, embora as habilidades sociais sejam requisitadas pelos empregadores, há escassez de estudos empíricos que abordem o tema relacionado ao desemprego juvenil. Além disso, são poucas as pesquisas dedicadas ao “desemprego juvenil” (Guilland & Monteiro, 2009) e ao “desemprego e saúde mental” (Santana, 2006), apontando a necessidade de mais estudos sobre estas temáticas.

A pesquisa realizada foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, resultando nessa dissertação, a qual compreende um relatório de pesquisa e dois artigos, sendo um teórico e um empírico, conforme estabelece o regimento interno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Ambos os artigos foram elaborados para posterior submissão e publicação em revistas científicas. O primeiro foi desenvolvido com a intenção de catalogar as pesquisas sobre desemprego juvenil, nas bases de dados digitais: *Medline*, *Adolec*, *Lilacs* e *SciELO*, e apresenta as reflexões teóricas que norteiam o estudo. No segundo, encontram-se os resultados obtidos na pesquisa quantitativa e a discussão dos mesmos.

Sendo assim, a presente dissertação está organizada em três sessões. Na primeira sessão, apresenta-se o artigo teórico “Jovem e desemprego: estado da arte”. A seguir, encontra-se o artigo empírico “Jovens em situação de desemprego: habilidades sociais e bem-estar psicológico”. Na terceira sessão é apresentado o relatório de pesquisa, descreve-se a problematização, o método e os resultados da pesquisa qualitativa. Por fim, estão as considerações finais do estudo, referências e anexos.

Seção I – Artigo Teórico

JOVEM E DESEMPREGO: UMA REVISÃO NA LITERATURA YOUNGSTERS AND UNEMPLOYMENT: A LITERATURE REVIEW

RESUMO

O desemprego juvenil é motivo de preocupação em muitos países. A falta de emprego pode restringir os sonhos dos jovens de se realizarem como sujeitos e faz com que eles deixem de ver o trabalho como algo que possa nortear positivamente a sua vida. O presente artigo teórico teve como finalidade fazer uma revisão na literatura nacional e internacional para discutir como o desemprego juvenil foi abordado nos últimos cinco anos (2004 a 2008). Foi feita uma pesquisa nas bases digitais *Medline*, *Adolec*, *Lilacs* e *SciELO*, na qual foram encontrados 21 artigos, dos quais 33% são nacionais e apenas 11 pesquisas abordam especificamente o tema “jovem e desemprego”. Os estudos apontam que o desemprego juvenil é causado por múltiplos fatores, existindo também diferenças na condição do desemprego de acordo com o contexto social em que o jovem está inserido. A análise desses artigos indicou que 62% dos estudos têm como foco principal as consequências do desemprego sobre a saúde mental do jovem. Apenas um dos artigos é qualitativo. Este resultado aponta a carência de pesquisas que busquem compreender a dinâmica dos processos de subjetivação do jovem em situação de desemprego.

Palavras-chave: desemprego; jovem; saúde mental.

ABSTRACT

Juvenile unemployment is a reason for concern in many countries. Lack of a job may restrain youngsters' dreams of fulfillment as individuals and makes them stop seeing a job as something that might positively direct their lives. This paper aims at advancing a theoretical discussion based on national and international literature review in order to discuss how juvenile unemployment has been treated throughout the last 5 years (2004 to 2008). A research was developed in the digital basis Medline, Adolec, Lilacs and Scielo which found 21 papers, out of which 33% is national; only 11 researches treat the issue of 'juvenile unemployment' per se. These papers indicate that juvenile unemployment is caused by a multitude of factors and that there are differences in the way of being unemployed according to the social context in which the youngsters are inserted. The analysis of these papers pointed to the fact that 62% of the studies have as their main focus the consequences of unemployment on the mental health of the youngsters. Only one paper consists of a qualitative research. This result points to the fact that there is shortage of researches that try to understand the dynamics of the processes of subjectivation of unemployed youngsters.

Key-words: unemployment; youngsters; mental health.

Introdução

Nas últimas décadas, o desemprego tornou-se um problema para muitos países. A causa desse fenômeno pode ter diferentes explicações, peculiares a cada nação. No Brasil, segundo os dados da Pesquisa Mensal de Emprego de dezembro de 2008 (IPEA, 12/2008), foi estimado um contingente de aproximadamente 41,5 milhões de pessoas em idade ativa (PIA), e havia 1.567 milhões de pessoas desocupadas (com 10 anos ou mais de idade), no conjunto de seis regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e do Distrito Federal). Entre as quais 621 mil (40%) eram jovens, sendo que 516 mil (32,9%) tinham entre 18 e 24 anos. Segundo estes dados, o índice de jovens desempregados com idade entre 15 e 24 anos, no Brasil, é 4,6 vezes maior que o dos adultos com idade acima de 25 anos (8,1%). Em relação ao perfil do grupo de desocupados, a maioria é do sexo feminino 58,4% e apenas 53,3% tinham concluído o ensino médio. Observou-se ainda que 15,8% estavam em busca do primeiro trabalho (IBGE, 2008).

Destaca-se que depois de cinco anos de crescimento contínuo, em dezembro de 2008, houve uma queda de 2,3% no total de empregos celetistas, o que corresponde à dispensa de cerca de 750 mil trabalhadores. A agropecuária foi o setor mais atingido com queda de 7,9%, a seguir, as demissões tiveram impacto de 3,6% (358,7 mil postos de trabalho) na Indústria de Transformação, o que refletiu no setor de serviços que diminuiu 146,574 mil vagas e no comércio no qual, entre dezembro de 2008 e março de 2009, foram fechados 85.845 postos de trabalho (DIEESE, 2008). No setor de comércio do total de contratados mais de um quarto (25%) são pessoas jovens, pois este não exige muita experiência e qualificação para desempenhar as atividades, o que facilita o ingresso do jovem neste âmbito de trabalho. (DIEESE, 2009).

Tendo como base esse quadro, o presente artigo teórico teve como finalidade fazer uma revisão crítica na literatura nacional e internacional para discutir como o desemprego juvenil foi abordado nos últimos cinco anos (2004 a 2008). No intuito de situar os leitores, buscaremos, inicialmente, apresentar uma perspectiva histórica sobre o jovem e o trabalho. Para organizar a apresentação dos temas que os autores priorizaram e os resultados apontados nessa revisão sistemática, os artigos foram agrupados em três grandes tópicos: as causas do desemprego no Brasil; a situação do desemprego em diferentes contextos sociais, tais como regiões ou países, e as suas conseqüências na saúde mental.

Do trabalho regulamentado para o desemprego

O desemprego é definido como “a ausência de trabalho acompanhada da disponibilidade de trabalhar, com a busca por trabalho” (Galeazzi, 2002, p.67). Ao se falar em desemprego juvenil, a primeira pergunta que se impõe é: quando e como ele surgiu? É por causa desse questionamento que não existe possibilidade de discutir o tema “desemprego” sem adentrar na análise sobre o trabalho. Essa investida requer que se volte um pouco na história com vistas a se construir a caminhada do jovem como trabalhador protegido por lei. Essa contextualização do tema é imprescindível para compreender como a situação da população selecionada como objeto deste estudo foi, paulatinamente, se modificando no decorrer dos anos e tornando-se mais suscetível à situação de desemprego.

O período da adolescência é abordado por Sposito (2000) sob a ótica da transitoriedade entre o mundo infantil e o adulto. Afirmar que o jovem já não tem o status de criança (pois ele é capaz de optar por parte de suas escolhas), mas que tampouco é adulto (porque não tem autonomia para todos seus atos) pode propiciar uma definição de caráter negativo, ou seja, focada naquilo que o jovem não é. Em face disso, cabe recordar que o processo de transição não é linear: as pessoas se modificam no decorrer dos anos. Nesses termos, como podemos observar, muda também a história da juventude em relação ao trabalho e em relação ao desemprego.

Contudo, retomando o tema deste estudo “jovem e desemprego”, os jovens também podem ser definidos a partir da perspectiva analítica do mercado de trabalho, na qual são descritos como aqueles indivíduos que possuem idade legal para trabalhar e que têm menos de 25 anos de idade (Sanchis, 1997). Mas qual seria a idade legal para o jovem começar a trabalhar?

É importante ressaltar que os jovens, muitas vezes, trabalham tanto quanto os adultos, realizando os afazeres domésticos e as lidas do campo. Nos centros urbanos, na Idade Média, eles eram inseridos em pequenas Corporações de Ofício para que aprendessem uma profissão, geralmente artesanal. Entretanto, os menores eram vistos como trabalhadores mais débeis, assim como as mulheres. Estes dois grupos trabalhavam sem remuneração e, quando muito, recebiam alimento e os ensinamentos do ofício (Durigetto, 2005).

Foi somente após a Revolução Industrial, no século XVIII, que uma lei de cunho obreiro foi concebida. Em 1802, na Inglaterra, com o advento do *Moral and Health Act*, pela primeira vez foram mencionados os direitos dos trabalhadores infante-juvenis. Com esta lei, houve, ainda, a tentativa pioneira de separar infância e juventude da fase adulta. Definiu-se

que pessoas com menos de nove anos não poderiam trabalhar, pois seriam consideradas “crianças”. Também se estipulava um limite de tempo e de horário para o labor dos jovens, estabelecendo uma jornada máxima de 12 horas diárias, a qual deveria estar compreendida entre às 6 e às 21 horas (Durighetto, 2005).

Com base nesta regra, em toda a Europa, foram sendo criadas leis de Direito do Trabalho que regularam as atividades laborais da população jovem ou, pelo menos, que definiram algumas garantias. Contudo, foi em 1919, com a fundação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que o tema assumiu importância universal. Uma das preocupações constantemente difundidas pela OIT tem sido a de preparar normas e programas internacionais cujo principal objetivo seja o de melhorar as condições de vida e de trabalho, aumentar as possibilidades de emprego e assegurar os direitos fundamentais do trabalhador, principalmente do jovem.

No Brasil, a preocupação com o trabalho infanto-juvenil iniciou em 1927, com a publicação do Código de Menores (Decreto nº 17.943-A), o qual foi suspenso devido às discussões que margearam o debate jurídico da época e que evocavam a inviabilidade de se limitar o direito paterno sobre os rumos dos filhos. Em 1932, com o advento do Decreto nº 22.402, a idade mínima para ingressar no trabalho da indústria foi fixada em 14 anos. Já em 1934, a Carta Magna proibiu o labor aos menores de 14 anos, o trabalho noturno aos menores de 16 anos e as atividades insalubres aos jovens que tivessem menos de 18 anos (Durighetto, 2005). No decorrer dos anos, as leis foram sendo paulatinamente modificadas, sofrendo inclusive retrocessos, mas foi a emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, que alterou o artigo 7º, XXXIII, da Constituição e definiu a idade mínima para o ingresso no mundo do trabalho em 16 anos, ao mesmo tempo em que delimitou a idade mínima para o menor aprendiz em 14 anos.

Sob essa égide, se, na antiguidade, o jovem não era reconhecido por suas atividades, com o nascimento das leis trabalhistas ele passou a ser visto pela sociedade como um titular de direitos e garantias e como sujeito que sofre com a falta de oportunidades laborais. Ditas leis também propiciaram ao jovem a construção de uma identidade - justamente por meio do trabalho. Desse modo, se a idéia de labor está conectada a um lugar social, marcado como um status, o desemprego conforma-se como o não-lugar (Terra, Carvalho, Azevedo, Venezian, & Machado, 2006). Mais do que isso, o desemprego, muitas vezes, não é visto como uma situação momentânea, mas como um *locus* marginalizado, o que pode dificultar o falar sobre essa situação. Nesse sentido, ficar desempregado pode significar não só uma suspensão da estabilidade econômica, mas ainda a exposição do indivíduo - seja perante si próprio, seja

ante a sociedade - o que pode afetar sobremaneira a sua saúde mental. Afinal, para o jovem, essa situação aparece como uma sobreposição deste não-lugar.

Revisão na literatura: jovem e desemprego

O presente artigo teórico teve como finalidade fazer uma revisão na literatura nacional e internacional para discutir como o desemprego juvenil foi abordado nos últimos cinco anos (2004 a 2008). Foi feito um levantamento dos estudos publicados nos anos de 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008, utilizando-se como palavras-chave as expressões: “jovem e desemprego”, “desemprego juvenil”, “desemprego”, “unemployment”, “Youth and unemployment” e “Unemployment of young people” nas seguintes bases de dados digitais: Medline, *Adolec*, *Lilacs* e *Scielo*. Os artigos localizados inicialmente foram examinados e selecionados conforme os seguintes critérios de inclusão: estudos que abordam especificamente o tema “jovem e desemprego” e estudos sobre o desemprego que incluem na sua amostra essa população.

Depois de feita esta avaliação, selecionou-se 21 artigos, dos quais apenas 33% são nacionais. Nestes, 11 pesquisas focalizam nomeadamente o tema “jovem e desemprego”; as outras dez somente incluem a população jovem em sua amostra e abordam o desemprego relacionado a problemas como tabagismo, abuso de álcool, estados depressivos, comportamento suicida e ansiedade. Destes, alguns se propõem à análise das diferenças na auto-avaliação da saúde nos períodos de alto e baixo nível de desemprego e abordam o tema desemprego comparando-o entre Estados e países, seja entre os diferentes grupos etários. É importante ressaltar que, num primeiro momento, observou-se a escassez de informações sobre o assunto em apreço.

Em relação ao método, observou-se que a maioria dos estudos (62%) é quantitativa; apenas 5% são pesquisas qualitativas e 33% são embasadas em documentos - Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), Pesquisa mensal de Emprego (PME), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED.), CEPAL, *Basic Survey on Wage Structure*, *Survey on Employment Trends*, *Public Employment Security Office*, *Special Survey of the Labor Force Survey*. Os resultados apontam um maior número de pesquisas quantitativas, demonstrando uma carência em pesquisas qualitativas que abordem o tema do jovem em situação de desemprego.

A temática dos artigos foi agrupada em três grandes categorias que serão descritas a seguir: as causas do desemprego no Brasil; a situação do desemprego em diferentes contextos sociais, tais como regiões ou países; e, por fim, o desemprego e seu impacto na saúde mental.

As interpretações das causas do desemprego no Brasil

Os estudos de Dathein (2003) e Sanchis (1997) apontam que o desemprego é um acontecimento histórico que ocorreu em todas as sociedades industriais, após a era das inovações tecnológicas e, também, devido à crise econômica internacional, que resultou no aumento do desemprego juvenil. A história mostra a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra do século XVIII, como a responsável por abrir portas à tecnologia, e esta última como sendo uma das principais causas do desemprego mundial. Naquele contexto, além da jornada de trabalho de 16 a 18 horas por dia, com condições ambientais insalubres, como calor, fumaça e outras, surgiram as máquinas. A partir daí, os empregos, que já eram escassos, passaram a ser ainda mais difíceis. A título de exemplo, vale dizer que se uma atividade necessitava do trabalho de 27 homens, com o advento da tecnologia, passou-se a exigir para tal função a mão-de-obra de dois (Ferreira, 1999).

Sanchis (1997) ressalta que a crise do petróleo ocorrida no ano de 1973, também, coincidiu com a escola e o desemprego em massa. A geração de jovens, pós-crise, foi a primeira que passou pelo menos 10 anos de sua vida na escola e, sentiu a dificuldade para se inserir no mercado de trabalho. Em resposta a esta dificuldade, o autor ressalta que o sistema educativo deve se modernizar, para que o jovem possa se qualificar mais para o trabalho, tornando menos dramática a sua inserção. Porém esse sistema não pode ser responsável pelo todo, ou seja, pela falta de emprego.

A falta de emprego, geralmente, é descrita como um desequilíbrio entre a oferta e a demanda, onde a causa fundamental do desemprego juvenil é a mesma do adulto, ou seja, falta de oportunidades para todas as pessoas disponíveis se inserirem no mercado de trabalho. Dathein (2003) defende a idéia de que existe o “desemprego involuntário”, o qual significa que as pessoas desejam trabalhar e aceitariam o emprego e salário oferecido pelos seus empregadores, mesmo que o salário seja mais baixo ao esperado, mas mesmo assim não conseguem ingressar no mercado de trabalho.

Bastos (2006) em seu estudo aborda o desemprego involuntário. O autor observou que o contingente de jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) aumentou em ritmo mais intenso do que a população total, resultando numa onda jovem no país, o que o instigou a

investigar o quanto o crescimento populacional na RMPA afetou a ocupação e o desemprego juvenil no período de 1993 a 2004. Para realizar este estudo, o autor utilizou-se de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED-RMPA). Os resultados apontaram que, na RMPA, a população jovem aumentou de 485 mil para 630 mil, entre o período de 1993 a 2004. A taxa média anual da população total sofreu um aumento de 1,6%, enquanto os jovens tiveram uma elevação da taxa para 2,4%. Esta diferença no ritmo de crescimento populacional somada a modesta absorção da mão-de-obra pelo mercado de trabalho local, podem ter contribuído com o aumento do índice de desemprego de jovens, que no ano de 1993 era de 21,4%, passando no, ano de 2004, para 29,3%.

Outro estudo semelhante ao de Bastos (2006) foi realizado, em Hong Kong, por Shek e Lee (2004). Os autores estudaram jovens desempregados com idade entre 15 e 24 anos. Os resultados dos dados estatísticos indicaram que houve um aumento do número de jovens desempregados na década de 90. Também foi feita uma comparação entre dois grupos de desempregados, os jovens com idade até 24 anos e adultos com idade superior a 25 anos, sendo constatado que o percentual de jovens em situação de desemprego é superior.

Outra explicação para o fenômeno do desemprego juvenil é apresentada por Flori (2003) em seus estudos. Ela conclui que a duração do desemprego é praticamente a mesma para jovens, adultos e idosos, enquanto a taxa de entrada dos jovens no mercado de trabalho é maior do que a dos outros dois grupos. Portanto, o fator determinante para que a taxa de desemprego juvenil seja mais elevada é a alta rotatividade dos jovens no mercado de trabalho, ou seja, o desemprego de circulação. Para Filgueiras e Pinto (2003) no desemprego voluntário as pessoas escolhem sair de seu trabalho, porque não concordam com as propostas oferecidas pelos seus empregadores, ou seja, optam por ficarem desempregadas.

Camargo e Reis (2005), abordam em seu estudo, o desemprego voluntário do jovem. Os autores utilizaram dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), para investigar a assimetria de informação no mercado de trabalho em relação à qualificação do jovem trabalhador. Os resultados apontaram que os empregadores possuem pouca informação em relação ao perfil profissional dos jovens trabalhadores semi-qualificados, que concentra o maior índice de desemprego (22%). Estes autores corroboram com os resultados dos estudos de Flori (2003), ou seja, que a causa do alto índice de desemprego juvenil não está na dificuldade em conseguir o primeiro emprego, mas em se manter empregado, o que também pode gerar um aumento do índice de rotatividade.

O resultado da pesquisa de Albuquerque (2009) também indicou que os jovens trocam muito mais de emprego. Para estudar o comportamento dos jovens de todo o território

brasileiro, o autor utilizou a base de dados Raismigração Painel (Raismigra – Painel) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), concentrando-se no período de 1996 e 2005. Conclui que a rotatividade, por um lado, pode ser encarada como negativa, devido às conseqüências que as numerosas mudanças de emprego causam sobre os salários e as futuras contratações, mas, por outro lado, pode ser vista como positiva, pois é uma busca do jovem pelo seu lugar no mundo do trabalho.

O fenômeno do desemprego juvenil, também, é explicado sob a ótica da influência do plano econômico sobre os empregos. O estudo realizado por Reis e Camargo (2007) teve como objetivo investigar o desemprego de jovens no Brasil e os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação. Os autores usaram dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), do período de 1981 a 2002. Os resultados evidenciaram que a implementação do Plano Real em 1994 aumentou significativamente a taxa de desemprego dos jovens no Brasil em relação a dos adultos, já que reduções na taxa de inflação parecem ter aumentado o desemprego e reduzido a duração média do emprego de todos os grupos etários, mas de maneira mais acentuada para os trabalhadores jovens. A explicação para este aumento do índice de desemprego dos jovens é fundamentada na maior rigidez salarial, provocada pela estabilização da inflação e o elevado grau de incerteza dos empregadores sobre a produtividade dos trabalhadores mais jovens.

Para Singer (2000), a era da tecnologia, a crise do petróleo e a inflação contribuíram para uma enorme transformação política e social. Nesse contexto, o aumento do índice de desemprego indica que estamos assistindo a um novo ordenamento social do trabalho humano e não ao fim do trabalho propriamente dito. A dificuldade maior surgiu quando, frente à crise econômica, a inflação foi definida como sendo o grande mal que ameaçava a civilização e o foco principal foi combatê-la. Neste momento, o desemprego foi relegado a um segundo plano.

Através deste estudo, pode-se observar que as causas do desemprego mais descritas foram: inovações tecnológicas, crise econômica internacional, influência do plano econômico, inflação, crise do petróleo e aumento da população jovem em detrimento da fraca absorção do mercado de trabalho. Além do desemprego involuntário, outra causa do desemprego juvenil está em se manter empregado, sendo que a dificuldade não está em conseguir o primeiro emprego, o que também pode gerar um aumento do índice de rotatividade.

O desemprego em diferentes contextos sociais

As desigualdades sociais que percorrem todas as dimensões da estrutura social (como, por exemplo, no que tange ao acesso à educação e à saúde), refletem de modo mais evidente na população jovem e de nível sócio-econômico menos favorecido. Kliksberg (2006) aborda o contexto da juventude na América Latina e no Caribe, ressaltando que o número de jovens em situação de pobreza aumentou significativamente nos últimos anos. Os mais pobres vêem sua vida marcada pela falta de oportunidades, pois devem se preocupar em ajudar na sobrevivência da família. Como resultado, eles começam a trabalhar com idade precoce. Além disso, as oportunidades de estudo são mais limitadas, as redes de relações que possam impulsioná-los são francamente desfavorecidas e a inserção desses jovens no mercado de trabalho acaba por transformar-se em questão ainda mais problemática. Considerando que os jovens estão em pleno processo de construção da auto-estima, a marginalização social faz com que ela seja enfraquecida, resultando em problemas psíquicos, de conduta e de relacionamento.

O contexto social pode, ainda, influenciar no tempo de desemprego, que pode ser diferente dependendo do Estado do Brasil em que o jovem habitar. Menezes e Dedecca (2006) avaliam a duração do desemprego nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo, entre os anos de 2000 e 2002. As informações foram obtidas por meio dos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED.). Estes autores, em seus estudos, concluíram que os jovens que residem na região metropolitana de Salvador enfrentam um tempo de desemprego mais longo que a média dos desempregados adultos da região. Por outro lado, os jovens que residem na região metropolitana de São Paulo possuem a mesma média de tempo de desemprego das outras faixas etárias, demonstrando que são mais dinâmicos no mercado de trabalho.

Na Região Metropolitana de Salvador (RMS), o desemprego aberto, ou seja, ficar sem nenhuma ocupação, é maior entre os indivíduos mais jovens do que entre adultos. Este fato se deve a existência de uma rede de proteção social mais segura, em razão de pertencerem a famílias economicamente mais estáveis e, também, por que têm acesso a recursos como Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e seguro-desemprego. Isto pode possibilitar a este grupo a busca por novas oportunidades de trabalho mais adequadas às suas necessidades. Por outro lado, o desemprego oculto (trabalho precário) cresce muito mais entre as pessoas adultas e com idade superior a 25 anos. Este fato se justifica porque estas pessoas, geralmente, são chefes de família e sentem dificuldade em ficar sem nenhum tipo de

ocupação que lhes propicie uma renda. Assim, se submetem a fazer “bicos” (trabalhos sem vínculo empregatício) para manter suas famílias (Filgueiras & Pinto, 2003).

No contexto internacional, Guimarães, Hirata, Montagner e Sugita (2004) realizaram um estudo quantitativo no ano de 2001, com o objetivo de comparar a situação do Brasil e a do Japão, no que diz respeito a características do desemprego e políticas do Estado. Para realizar o estudo, os autores fizeram entrevistas com os dirigentes do Sistema Nacional de Emprego de São Paulo e entregaram questionários para as pessoas que foram nas agências de emprego no Brasil e no Japão. Os resultados, em relação à população jovem, apontam que, no Brasil, as estratégias de sobrevivência fazem com que a maioria dos jovens ativos, trabalhem mesmo sem vínculo empregatício. Dessa forma, observa-se que o limiar entre a fronteira do emprego e do desemprego é tênue, pois quanto mais informal o trabalho, mais fraca é a proteção social. No Japão, até o final dos anos 90, as empresas absorviam os funcionários excedentes; porém, quando elas passaram a demitir, a maioria dos desempregados não foi fazer a inscrição na agência pública de emprego. Estima-se que a explicação para isso decorra de que, nessa cultura, este ato seja encarado como desonroso e vergonhoso. Esse comportamento propicia que os empregos atípicos, como os contratos temporários, multipliquem-se e, assim, essas pessoas fiquem também sem proteção social. É importante notar que esses contratos, em sua maioria, são feitos por jovens.

Estes estudos indicam que o número de jovens em situação de pobreza aumentou significativamente nos últimos anos. Além disso, o índice de desemprego, no Brasil, é maior entre os indivíduos mais jovens do que entre adultos, sendo que as estratégias de sobrevivência fazem com que a maioria desta população ativa, trabalhe mesmo sem vínculo empregatício.

O desemprego e seus impactos na saúde mental

A maioria dos estudos (62%) que encontramos na revisão em base de dados aborda as conseqüências do desemprego sobre a saúde dos jovens. Entre os temas, ressaltam-se: a repetição da história familiar de desemprego causando sofrimento; os impasses da inserção profissional e seus impactos nos modos de subjetivação; os altos índices de desemprego que afetam tanto empregados quanto desempregados e a autopercepção de saúde destes jovens. O resultado desta revisão indicou que o grupo de desempregados é o que apresenta a pior condição de saúde psicológica.

A passagem da juventude para a vida adulta tornou-se prolongada e diversificada, devido, entre outros fatores, à entrada do jovem no mercado de trabalho, que se tornou mais complexa e insegura. Jacob e Kleinert (2008) realizaram um estudo quantitativo (foram 2.801 questionários) para investigar o efeito do desemprego na vida dos jovens, a influência em deixar ou não a casa dos pais e, portanto, a conquista da independência. Os resultados apontam que os jovens que possuem apoio familiar podem retardar sua saída da casa dos pais, principalmente no caso das mulheres, pois elas buscam investir em formação e carreira profissional. Determinado grupo de pais opta por financiar os custos de seus filhos para que estes possam morar sozinhos e outro prefere deixar que seus filhos fiquem em casa por mais tempo. Apesar do apoio paterno, os resultados deste estudo indicam que o jovem que possui um parceiro busca, por consequência, tornar-se independente. Já os jovens, que pertencem a famílias com poucos recursos financeiros, estes saem mais cedo da casa dos pais, devido à necessidade de buscar seu próprio sustento.

A influência da família sobre a vida do jovem pode ser observada nos estudos de Reine, Novo e Hammarström (2004). Os autores investigaram a associação entre a saúde psicológica precária e o tabagismo, e se ela difere entre jovens e adultos desempregados que residem no norte da Suécia. Os dados foram coletados através de questionários, que foram aplicados em uma amostra de 1044 pessoas, com idades entre 16 e 30 anos. Os resultados indicam que, entre adultos que estão sem trabalho há muito tempo, há mais parentes desempregados do que entre aqueles que integram o grupo de desempregados a curto prazo. Isso indica uma repetição familiar na história de desemprego. Os jovens do sexo masculino que pertencem ao grupo de desempregados de longo prazo, além de tudo, possuem mais filhos do que o grupo que está pouco tempo sem trabalho. Há, ainda, uma prevalência significativamente mais alta de fumantes jovens no grupo de desempregados de longo prazo se comparado ao grupo de desempregados de curto prazo. Por fim, na análise de regressão, o grupo representado por desemprego de longo prazo foi associado com baixa saúde psicológica entre homens jovens.

No Estado do Rio Grande do Sul, Wickert (2006) estudou um grupo de 20 jovens, com idades entre 16 e 24 anos, e buscou analisar os impasses da inserção profissional e seus impactos nos modos de subjetivação. As entrevistas revelaram que as dificuldades de inserção profissional enfraquecem os sonhos desses jovens de se realizarem como sujeitos, o que prejudica a concretização de projetos futuros e faz com que eles deixem de ver o trabalho como algo que possa nortear positivamente a vida. Como resultado, o desemprego afeta o processo de filiação social, pois esses jovens se afastam dos processos coletivos,

demonstrando um empobrecimento das relações fora do âmbito familiar. Esse isolamento sinaliza uma produção de subjetividade marcada pelo sofrimento.

A situação do indivíduo no mercado de trabalho foi objeto de estudo de Giatti e Barreto (2006), que investigaram, em 10 regiões metropolitanas brasileiras, a saúde de 39.925 homens que foram classificados como trabalhadores formais, informais, desempregados ou fora do mercado de trabalho. Os resultados apontaram que 52,2% dos participantes do estudo eram trabalhadores formais; 27,7% eram informais; 10% eram desempregados, e 10,2% estavam fora do mercado de trabalho. A maioria dos desempregados é composta pela população jovem que tem menos escolaridade, menor renda domiciliar e que mora, mais frequentemente, na região Nordeste do País. O grupo de trabalhadores informais também é, em sua maioria, composto pelos jovens. Esses dois grupos, se comparados aos trabalhadores formais, apresentam a pior percepção da própria saúde, estiveram mais tempo acamados, não possuem um plano de saúde e realizaram menos consultas médicas. Os autores concluem que a situação do indivíduo no mercado de trabalho expressa um gradiente de desigualdade nas condições de saúde, demonstrando que o desemprego, independente de ser voluntário ou não, está associado à pior condição de saúde entre os brasileiros.

A qualidade de vida dos jovens do norte da Suécia, também, foi analisada por Hultman e Hemlin (2008). Os autores investigaram 651 jovens desempregados e 2.802 jovens que desenvolviam atividades ocupacionais (empregados, estudantes e prestando serviço militar), todos com idades entre 18 e 24 anos. Foi utilizado o questionário Qol (Hörnquist da QLCs), por meio do qual os jovens auto-avaliaram sua qualidade de vida. Os resultados do estudo indicaram que os jovens desempregados, do norte da Suécia, apresentam a pior qualidade de vida, se comparados aos outros jovens que exercem alguma atividade. Os fatores de risco, apontados pelos autores, e que podem contribuir para que um jovem se torne um desempregado em potencial são: baixa escolaridade, situação financeira precária e poucas atividades de lazer em grupos sociais, como, igrejas e comunidades.

A autopercepção da saúde foi objeto de estudo de Lindström (2005), que abordou as condições psicossociais de trabalho, desemprego e saúde psicológica auto-relatada de 5.180 indivíduos, com idades entre 18 e 64 anos, e que residem na Suécia. Foi utilizado o Questionário de Saúde Geral, escala reduzida de Goldberg (GSQ 12), para avaliar a saúde psicológica. Os resultados apontaram que 15,2% dos homens e 19,8% das mulheres relataram ter baixos níveis de saúde psicológica. O autor conclui que, embora alguns fatores psicossociais do trabalho estejam, muitas vezes, associados a níveis elevados de transtornos

de saúde, estar desempregado e ter problemas financeiros é ainda o mais forte preditor de problemas psicossomáticos.

Outro estudo, de âmbito internacional, realizado na Suécia com pessoas com idades entre 16 e 64 anos, comparou a auto-avaliação da saúde durante os períodos de alto e baixo nível de desemprego. Os dados foram coletados no período de 1983 a 1989, quando os níveis de desemprego eram baixos, e no período de 1992 a 1997, quando os níveis de desemprego eram altos. Os resultados indicam diferenças significativas na auto-avaliação da saúde entre desempregados e empregados, sugerindo que aqueles são mais atingidos com baixa qualidade de saúde quando o desemprego é alto (Ahs & Westerling, 2005). Sendo assim, o índice alto de desemprego em um determinado país pode influenciar na qualidade de vida tanto de empregados, que temem perder seus empregos, como na de desempregados, que ficam mais tempo sem trabalho.

Thomas, Benzeval e Stansfeld (2005) estudaram o impacto das mudanças entre o emprego e as diversas formas de não-emprego no bem-estar psicológico de homens e mulheres, com idades entre 16 e 74 anos, que residem em Londres. Foi utilizado o Questionário de Saúde Geral (QSG-12) e participaram deste estudo 5.092 pessoas. Os resultados apontaram que os efeitos psicológicos negativos são mais pronunciados após 6 meses de desemprego. O não-emprego e o desemprego geram um impacto sobre a saúde mental, o que pode se observar através da licença-maternidade, ou seja, ficar em casa para cuidar do filho, também pode gerar sofrimento.

Um recorte das conseqüências do desemprego de longa duração foi objeto de estudo de Hamalainen et al. (2005). Os autores estudaram 5.993 indivíduos na Finlândia, com idades entre 15 e 75 anos, para analisar episódios de depressão maior, relacionada com desemprego de longa duração e abuso de álcool. Estas pessoas foram entrevistadas, de acordo com o formulário simplificado da Universidade de Michigan versão do *Composite Internacional Diagnostic Interview* (CIDI). Os autores concluíram que o desemprego de longa duração está associado ao aumento do risco de episódios de depressão maior. Comparado com as pessoas empregadas, o desemprego de longa duração associado ao abuso de álcool, aumenta o risco de ocorrer depressão.

Ferguson, Boden e Horwood (2007) estudaram o desemprego e comportamentos suicidas de adultos jovens, com idades entre 16 e 25 anos. Os resultados indicaram que, os jovens que se encontram por um período de tempo de 6 meses ou mais, em situação de desemprego, em um mesmo ano, tiveram chances de ideação suicida 1,43 vezes maiores do que aqueles que não foram expostos ao desemprego. As taxas de tentativas de suicídio,

também, foram maiores (1,72 vezes) nos jovens com um tempo de desemprego maior de 6 meses. O suicídio foi abordado, igualmente, por Yamasaki et al. (2009), que investigaram jovens, pessoas de meia idade e idosos no Japão dos anos 1953 a 1996, e fizeram uma análise de séries temporais para o efeito do desemprego. Os resultados indicam que o desemprego está significativamente relacionado com a mortalidade de jovens por suicídio.

O desemprego involuntário e prolongado, além de influenciar na saúde das pessoas, pode propiciar o ingresso em atividades criminais. Em uma sociedade com um alto índice de desemprego, a possibilidade de que jovens do sexo masculino, com idade entre 15 e 19 anos, se envolvam com o crime é relativamente alta, tanto que as atividades criminais tendem a aumentar paralelamente com o aumento do desemprego. O resultado de um estudo realizado em países asiáticos, no período de 1972 a 2001, relacionou o desemprego a longo prazo com vários crimes, como: falsificação e ofensas morais (Coreia); roubo e furto de motores de veículos (Austrália), e estupro (Japão). De uma maneira geral, os resultados deste estudo parecem reforçar as hipóteses de que as condições de mercado de trabalho deterioradas podem ter um efeito agravado em crimes (Lee & Holoviak, 2006).

O resultado de um estudo que abordou os efeitos do desemprego de longa duração em 3.731 jovens americanos indica que, quando eles são acometidos por esta situação, vão em busca de treinamento e de nova oportunidade de trabalho. Revela ainda que esta busca visa diminuir possíveis contratempos no seu perfil profissional, depois de experimentar uma história de desemprego involuntária. Contudo, estes jovens não se recuperam completamente dos impactos adversos do desemprego involuntário, pois esta experiência deixa uma marca que continua a afetá-los de forma negativa por muito tempo, refletindo inclusive em seus salários futuros, pois quem passa pela situação de desemprego acaba aceitando um salário menor por medo de voltar a ficar sem trabalho (Mroz & Savage, 2005). Bacikova-Sleskova, Van Dijk, Madarasova-Geckova, Nagyova, Salonna, Reijneveld, e Groothoff, (2007) corroboram com os estudos de Mroz e Savage (2005), por meio de estudos realizados na região da Eslováquia, com o objetivo de analisar como o desemprego influencia os adolescentes. Os dados foram obtidos a partir de 844 adolescentes, com idade média de 19,6 anos. Os autores observaram que o desemprego afeta o bem-estar e a saúde mental dos jovens. Porém, uma boa situação financeira e apoio familiar podem diminuir o efeito negativo do desemprego.

Considerações Finais

A partir do reconhecimento legal do jovem como um trabalhador ele passa a ter direito e garantias que lhe protegem diante do desemprego. Contudo, o mercado de trabalho não é estático e vem sofrendo profundas modificações como a revolução industrial que ocorreu no século passado. Com a entrada das máquinas nas indústrias aumentou a dificuldade do jovem para ingressar no mercado de trabalho, devido à redução do número de empregados necessários para realizar uma atividade. Mas, o desenvolvimento tecnológico não pode ser responsabilizado de modo isolado pelo aumento da taxa de desemprego, porque poderia gerar uma idéia equivocada de que parando o progresso haveria garantia de emprego.

Nesse sentido, o desemprego juvenil é um acontecimento histórico que ocorre em todas as sociedades, sendo sua causa uma combinação de inúmeros fatores, entre os quais: a revolução industrial, a crise econômica internacional, o elevado índice de natalidade em detrimento a fraca absorção da mão-de-obra, a alta taxa de rotatividade. Como fatores de risco, que aumentam a dificuldade do jovem para se inserir no mercado de trabalho, estão ainda incluídos a baixa escolaridade, situação financeira precária e poucas atividades de lazer em grupos sociais como, igrejas e comunidades. Além disso, a realidade do mercado de trabalho é dinâmica. Ao comparar o ano de 2008 com os anteriores, observa-se que houve redução dos postos de trabalho formais no mês de dezembro de 2008, sendo os setores que mais demitiram foram os da agricultura e indústria, o que sugere que esta estimativa pode novamente mudar nos próximos anos.

O alto índice de rotatividade do jovem no mercado de trabalho, também está atravessado pelo desemprego voluntário. O pedido de demissão pode ser entendido por um viés positivo, já que possibilita ao jovem que não se sente valorizado no trabalho ir à busca de sua realização profissional. Por outro lado, quando este não consegue uma recolocação rápida no mercado de trabalho, ele é impulsionado a fazer “bicos”, deixando-o sem proteção social. Como esses jovens se localizam no grupo de desempregados ocultos, ou seja, que exercem uma atividade precária, que não lhes disponibiliza tempo para buscar outro emprego, eles também ficam mais vulneráveis ao ingresso no grupo de desempregados de longa duração.

Os jovens que ficam muito tempo sem trabalho deixam de ver este como algo que possa nortear positivamente as suas vidas. Eles também evidenciam que sua capacidade de sonhar e de se realizar como sujeito enfraquece. A exclusão social, além de gerar sofrimento,

pode aumentar a probabilidade de que o jovem faça uso e abuso de substâncias psicoativas, de que participe em atividades criminais e pode gerar ideação suicida.

As conseqüências do desemprego é tema da maioria dos estudos (62%) que encontramos, todavia vale ressaltar que a revisão teórica sobre o tema “jovem e desemprego” aponta a carência de estudos qualitativos, que busquem compreender a dinâmica dos processos de subjetivação do jovem em situação de desemprego. Adverte-se que os efeitos do sofrimento gerado pelo desemprego são devastadores, independente do jovem ter ou não optado por sair do seu emprego e a dificuldade de inserção no mundo do trabalho pode afetar negativamente seu psiquismo. Nesse contexto, as informações advindas de pesquisas podem contribuir para a elaboração e/ou aperfeiçoamento de políticas públicas e de projetos sociais que atendam às necessidades desta população.

Embora não seja o foco deste estudo, cabe ressaltar que no Brasil, nas últimas décadas, foram realizadas importantes alterações indicando avanços nas políticas voltadas para a juventude focalizando, sobretudo a população de baixa renda. Algumas das principais iniciativas existentes e de responsabilidade do governo federal foram: o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), que tem como objetivo contribuir para a geração de mais e melhores empregos para a juventude brasileira; a Política Nacional da Juventude; a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ); o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), o ProUni e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), este último tem como finalidade propiciar aos jovens a conclusão do ensino fundamental, o aprendizado de uma profissão e o desenvolvimento de ações comunitárias (Silva & Andrade, 2009). É importante ressaltar que as quatro modalidades do Projovem juntas atenderam em todo o território brasileiro, desde o início do programa até o ano de 2008, em torno de 800 mil jovens em situação de vulnerabilidade social (Silva & Andrade, 2009).

No entanto, segundo as estimas do IBGE (2008) o percentual de jovens em situação de desemprego, no Brasil, ainda é alto, o que denota que todos estes programas juntos não dão conta de resolver os problemas da pobreza e do desemprego no Brasil, os quais são problemas graves e crônicos. Em função disto, a previsão do governo federal para o ano de 2010 é alcançar 3,5 milhões de jovens em situação de vulnerabilidade (Silva & Andrade, 2009), apontando assim, quem sabe, para um futuro mais promissor para o jovem desempregado.

Seção II – Artigo empírico

Jovem em situação de desemprego: habilidades sociais e bem-estar psicológico

Youngsters and unemployment: Social skills and psychological well-being

RESUMO

Para tratar do tema do desemprego juvenil foi realizado um estudo de cunho quantitativo, descritivo e correlacional. Neste estudo, investigou-se a relação entre habilidades sociais e bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego. A amostra foi composta por 232 jovens, com idade entre 18 e 24 anos, de ambos os sexos. A média de tempo de desemprego destes jovens foi de 9,56 meses e 53,4% pediram demissão de seu emprego. O estudo foi realizado nas agências dos SINEs e nas escolas Estaduais, do Vale do Paranhana (RS) - região caracterizada pela fabricação de calçado. Os instrumentos utilizados foram: questionário sócio-demográfico que incluiu questões sobre a situação de desemprego, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Questionário de Saúde Geral – QSG 12. A análise dos dados revelou que houve correlação significativa entre habilidades sociais e bem-estar psicológico ($p < 0,05$) indicando que, entre os jovens desempregados, quanto maior for o índice de habilidades sociais maior é o nível de saúde. Aqueles que fizeram cursos de aperfeiçoamento apresentam menor tempo de desemprego e os que abandonaram os estudos apresentam menos saúde. Foi observado que os trabalhadores, que tiveram no passado, vínculos formais de trabalho, possuíam menor tempo de desemprego e menor bem-estar psicológico do que os de vínculos informais. Por fim, a maioria dos jovens estudados demonstrou ter um bom escore de habilidades sociais e de saúde. Os resultados do presente estudo sugerem que o desemprego pode afetar os jovens de diversas formas, contudo alguns fatores como: ter mais habilidades sociais, estar estudando e trabalho informal podem amenizar o efeito negativo do desemprego, propiciando maior saúde. Estes fatores devem ser considerados no planejamento de futuras intervenções com jovens desempregados.

Palavras-chave: jovem; desemprego; habilidades sociais; bem-estar psicológico.

ABSTRACT

In order to discuss the issue of young adults unemployment, the author developed a quantitative, descriptive and correlational study. In this investigation, the relation between social skills and psychological well-being was scrutinized. The sample comprised 232 young adults, aged 18-24 years old, of both sexes. The average unemployment time of these subjects was 9,56 months and 53,4% had resigned from their jobs. The study was developed in a job agencies (SINES) and public school in the Vale do Paranhana (RS) – a shoe making region. The instruments used were a socio-demographic questionnaire which included questions about the unemployment condition, the social skills inventory (Inventário de Habilidades Sociais – IHS) and the General Health Questionnaire (GHQ-12). The data analysis showed a significant correlation between social skills and psychological well-being ($p < 0,05$) indicating that among the unemployed youngs, that the higher the index of social skills is the most level of health. Those who had taken extra courses show shorter unemployment time and those who had dropped school have less health. It was observed that workers who had had previous formal jobs had shorter unemployment time and lower psychological well-being than those with informal jobs. Finally, the majority of the research subjects demonstrated a satisfactory level of social skills and health. The results of this study suggest that unemployment can affect young people in different ways, but some factors such as having more social skills, be studying and informal work can mitigate the negative effect of unemployment, providing better health. These factors should be considered in the planning of future interventions with young unemployed.

Key-words: young adults; unemployment; social skills; psychological well-being.

Introdução

O tema desemprego juvenil começou a ser amplamente discutido a partir dos anos noventa, quando o Brasil viveu um período de aumento sistemático da taxa de desemprego. Atualmente, o desemprego é uma realidade nas sociedades ocidentais contemporâneas. Em Porto Alegre, em outubro de 2009, o índice de jovens desocupados, com idade entre 18 e 24 anos, que buscam se inserir no mercado de trabalho era de 35,5% (IBGE). Além disso, comparando o mês de outubro de 2008 com o mesmo período no ano de 2009, houve um acréscimo no número de jovens que se encontravam desocupados e não procuravam por emprego – nos últimos 30 dias - em 3,2% (IBGE).

A exclusão social, a precária inserção no mercado de trabalho e a falta de acesso a um trabalho decente podem fazer com que os laços afetivos e sociais se desestruturem, o que propicia aumento do sofrimento mental e gera impactos negativos na auto-estima do jovem (Lima & Borges, 2002). Além disso, um tempo muito prolongado na situação de desemprego pode ainda aumentar o sentimento de solidão e fracasso, propiciando o desenvolvimento de distúrbios emocionais (Pinheiro & Monteiro, 2007).

Frente a esta constatação, o desemprego juvenil se torna preocupante, visto que o jovem depois de experimentar uma história de desemprego, não se recupera completamente dos impactos adversos desta situação (Mroz & Savage, 2005), que continua influenciando por muito tempo e de forma negativa no seu estado de bem-estar e na sua saúde mental (Bacikova-Sleskova, Van Dijk, Madarasova-Geckova, Nagyova, Salonna, Reijneveld, e Groothoff, (2007).

O presente estudo teve como objetivo investigar a relação entre as habilidades sociais e o bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego. Esta pesquisa foi realizada no Vale do Paranhana (RS), que se caracteriza como uma região de fabricação de calçados. Para isto, buscou-se analisar ainda as influências da renda e do apoio familiar no bem-estar psicológico dos jovens.

Desemprego e Saúde mental

Na literatura, o tema saúde e doença mental relacionados à situação de trabalho (Jaques, 2003; Minayo-Gomez & Thedim-Costa, 2003) é mais abordado do que os artigos que

tratam da relação entre desemprego e saúde mental (Santana, 2006). Além disso, a complexidade do fenômeno tem gerado diversas definições que englobam as diferentes modalidades de desemprego. A saída voluntária de um emprego pode ser encarada como positiva, quando se trata de sair de um emprego monótono e restritivo para buscar outras oportunidades no mundo do trabalho (Albuquerque, 2009). Já o desemprego involuntário e prolongado pode influenciar negativamente na saúde das pessoas (Lee & Holoviak, 2006). Além disso, a situação do indivíduo no mercado de trabalho expressa um gradiente de desigualdade nas condições de saúde, onde o desemprego, independente de ser voluntário ou não, está associado à pior condição de saúde entre os brasileiros (Giatti & Barreto, 2006).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) descreve o conceito de saúde como o “perfeito estado de bem-estar físico, mental e social”. Mas Segre e Ferraz (1997) questionam este conceito de saúde, afirmando que a expressão “bem-estar” traz em seu bojo a idéia de perfeição, sendo que esta idéia não se pode definir. Neste caso, estaríamos elevando os termos perfeição e bem-estar a categorias que existem por si mesmas e que não estão sujeitas a uma descrição dentro de um contexto que lhes confira sentido, a partir da linguagem e da experiência do sujeito.

A partir deste questionamento, entende-se que o bem-estar pode ser definido pelo “grau em que cada pessoa julga a qualidade de sua vida favoravelmente como um todo” (Veenhoven, 1991 apud Silva et al., 2007). Sob esta perspectiva, a saúde e o bem-estar são conceitos muito relacionados entre si. Para Stoz (1993), a saúde e a perda de saúde são definidas como dois fenômenos, que se referem aos jovens normalmente representados por um estado de “bem-estar”, mas em que certo momento pode se transformar em sofrimento.

O indivíduo e o meio interagem entre si, produzindo comportamentos que refletem na sua saúde e nas formas de ação, sendo que a sensação de bem-estar está relacionada com a forma como o indivíduo é capaz de absorver e resolver episódios de vida. Deste modo, o estado de bem-estar está “diretamente ligado à vida de cada indivíduo e da sociedade, em um dado contexto e época específica” (Sarriera, Schwarcz, & Câmara, 1996, p.62).

No entanto, alguns episódios podem ser tão estressantes que geram uma ruptura na sensação de sentir-se psicologicamente bem, gerando sofrimento e mal-estar. Os eventos estressantes que podem diminuir a sensação de bem-estar e gerar mal-estar foram descritos pela sua ordem de importância, em primeiro lugar a separação conjugal, seguido de desemprego e doença familiar (Sparrenberger, Santos, & Costa Lima, 2004).

Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996) investigaram o estado de bem-estar relacionando-o com os níveis de ocupação dos jovens de Porto Alegre. O maior número de jovens que se

situam entre os níveis de bem-estar psicológico, classificados como “muito bom e bom”, são os trabalhadores fixos (84,5%), em seguida estão os trabalhadores temporários (71,7%), e os jovens em situação de desemprego apresentaram-se em menor número (65,1%) nestes níveis de bem-estar psicológico. Esta redução do índice de bem-estar psicológico dos jovens pode ser entendida através da perda, pois eles já experimentaram uma ocupação laboral. Com a ausência de trabalho, diminui-se também o poder aquisitivo, o que influencia no estabelecimento da identidade e na vida cotidiana, provocando um sentimento de “vazio”, que pode desmotivar o jovem na busca de um novo emprego.

A situação de desemprego pode afetar o psiquismo dos jovens, porque aqueles que já estão fora do mercado de trabalho há muito tempo se desencorajam mais facilmente, demonstram pessimismo e dificuldade para se re-colocar no mercado de trabalho. A dificuldade de encontrar uma ocupação pode fazer com que a qualificação profissional se deteriore, pois à medida que o tempo de desemprego se estende, o indivíduo se vê obrigado a aceitar uma sub-ocupação para manter sua sobrevivência, o que pode diminuir sua auto-estima (Menezes & Dedecca, 2006).

A redução da auto-estima pode ser facilmente observada nas pessoas que já tiveram experiência de desemprego. Estas demonstram significativamente maior insatisfação com suas rendas, moradia, profissão e saúde, comparadas com aquelas que tiveram pouca ou nenhuma experiência. A insatisfação pode estar relacionada ao sentimento de insegurança em relação à perspectiva de, no futuro, sofrer novamente uma demissão, o que resulta em efeitos negativos na satisfação de vida, no relacionamento com amigos e na vida familiar (Berth, Förster & Brähler, 2005).

Na medida em que o tempo de desemprego aumenta, os sintomas se modificam: além da redução da auto-estima o indivíduo pode apresentar desânimo, tristeza e isolamento. O desemprego de longa duração foi associado ao aumento do risco de episódios de depressão maior e ao abuso de álcool (Hamalainen et al., 2005).

Os agravos na saúde podem ocorrer quando o desemprego não é visto como uma situação transitória, mas como um lugar marginalizado. Neste caso, dificulta falar desta situação como um lugar reconhecido, principalmente quando o ficar desempregado pode significar não só uma suspensão da estabilidade econômica, mas o aumento da vulnerabilidade do indivíduo, o que afeta a saúde mental (Terra, Carvalho, Azevedo, Venezian & Machado 2006).

Todavia, alguns fatores servem como proteção e auxiliam o jovem a interagir com os eventos geradores de estresse como o desemprego, evitando conseqüências negativas. Entre

estes estão: as características individuais (auto-estima, inteligência, bom repertório de habilidades sociais e capacidade de resolução de problemas), o apoio afetivo dos familiares e o apoio social externo, como escola, igreja e amigos (Garmezy & Masten, 1994 apud Ramirez & Cruz, 2009).

Desemprego e habilidades sociais

O processo de globalização desencadeou uma exigência de aprimoramento contínua, que afetou vários setores da vida econômica e social dos países, das instituições, das empresas e dos indivíduos. Essas pressões levaram as empresas a buscar uma mão-de-obra mais qualificada, exigindo do mercado um profissional que tenha, além da formação adequada, habilidades para desempenhar as tarefas (Borges, 2004).

As habilidades sociais, que o empregador deseja do candidato, referem-se: “às diferentes classes de comportamentos sociais presentes no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais¹” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31). Ressalta-se que o conceito de habilidade social é complexo, possui variadas conotações e pode ser interpretado a partir de diferentes correntes teóricas. Apesar de elas serem consideradas importantes em termos de otimização dos recursos dos jovens quanto a comportamentos assertivos, críticos e sociais que podem facilitar o enfrentamento de dificuldades a serem encontradas (Sarriera, 1998), como o desemprego, o campo teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais, no Brasil, ainda é muito recente. Os primeiros estudos surgiram no ano de 1990 e ainda não há muitos trabalhos que envolvam treinamento destas habilidades com jovens desempregados (BolsoniI-Silva, Del Prete, Del Prette, Montanher, Bandeira e Del Prette, 2006).

¹ O conceito de habilidade social é complexo, possui variadas conotações e pode ser interpretado a partir de diferentes correntes teóricas. Neste estudo, foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette e Del Prette (2001), para avaliar os jovens em situação de desemprego, assim emprega-se o conceito segundo estes autores.

Na região metropolitana de Porto Alegre, Sarriera, Silva, Kabbas e Lopes (2001) investigaram jovens de baixa renda em busca de emprego e analisaram as características da construção da identidade ocupacional. A pesquisa foi realizada em um Programa de Intervenção a inserção sócio-laboral dos jovens. O Programa foi dividido em três módulos: “A construção do projeto profissional”, “Treinamento em Habilidades Sociais” e “Cidadania e Trabalho”. Os autores observaram que os jovens estavam desenvolvendo sua identidade ocupacional com projetos profissionais pouco definidos e também apresentavam considerável insegurança em relação as suas escolhas. Além disto, eles não sabiam como poderiam realizar, na prática, seus projetos profissionais, pois as suas escolhas, muitas vezes, embasavam-se na fantasia. Os resultados apontaram que os jovens demonstraram necessidade de se inserir no mercado de trabalho, porém a baixa formação escolar pode colocá-los no grupo de desemprego de longa duração.

Quando ocorrem falhas no processo de aprendizagem de um indivíduo, também ocorrem déficits relevantes no seu repertório de habilidades sociais, sendo que há evidências crescentes de que estes déficits estão correlacionados com delinqüência, crises conjugais e desordens emocionais variadas, como transtornos de ansiedade (Murta, 2005).

Por outro viés, o desenvolvimento das habilidades sociais proporciona uma melhoria na qualidade de vida, no desenvolvimento pessoal e profissional. Dentro deste prisma, os jovens que são socialmente habilidosos são provavelmente mais capazes de suportar os estresses da vida, como o desemprego, evitando assim conseqüências negativas (Gerk & Cunha, 2006).

A identificação de habilidades sociais como um fator de proteção tem estimulado intervenções, como o Programa de Intervenção para a inserção sócio-laboral, realizado com 56 jovens, que estavam em busca de emprego e cadastrados no SINE da região metropolitana de Porto Alegre. A análise dos dados evidenciou que o jovem pode re-descobrir suas capacidades e interesses, sentir-se mais motivado para buscar trabalho, com maior segurança, devido ao seu autoconhecimento e também devido ao conhecimento da realidade. Além disso, os resultados apontaram que as habilidades apreendidas para a procura de emprego foram: aumento da autoestima, autoconfiança, capacidade para lidar com críticas, capacidade para assumir compromissos, superação de empecilhos na expressão e valorização das formas de comunicação, consciência incipiente de responder a diferentes situações de forma a proteger seus interesses e, ao mesmo tempo, seus direitos. Embora os autores considerem que os avanços foram relativos, devido ao pouco tempo de treinamento, o programa evidenciou que o

jovem desenvolveu suas habilidades sociais e de procura de emprego (Sarriera, Câmara & Berlim, 2000).

Na atualidade, o mercado de trabalho exige que os indivíduos sejam dinâmicos, flexíveis e que se adaptem com facilidade aos novos ambientes e grupos sociais. Este novo perfil resulta numa exigência de desenvolvimento de habilidades sociais, tornando-as fundamentais para um bom desempenho profissional (Gil, 1998 apud Gerck & Cunha, 2006).

A avaliação das habilidades sociais tem sido objeto de interesse crescente dos educadores, psicólogos e empresários (Del Prette & Del Prette, 2001), porém os resultados dos estudos em bases de dados no período de 1994 a 2004 indicaram que dos 65 artigos encontrados que abordavam o tema habilidade social, apenas cinco investigaram estas relacionadas ao âmbito profissional. Estes últimos estudos foram realizados com professores, psicoterapeutas e técnicos de segurança do trabalho (Bolsoni-Silva, Del Prette, Del Prette, Montanher, Bandeira e Del Prette, 2006). Muito embora os autores ressaltem a importância do reconhecimento das habilidades sociais como requisito para o sucesso profissional, ainda são poucos os estudos realizados, no Brasil, que avaliem as habilidades sociais de jovens desempregados. Por fim, podemos perceber a necessidade de pesquisas que abordem a temática “desemprego juvenil, habilidades sociais e bem-estar psicológico” e que possam contribuir para a elaboração de intervenções futuras para este público.

Objetivo Geral

Verificar a relação entre as habilidades sociais e o bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego.

Objetivos Específicos

- Investigar as possíveis influências da renda familiar no bem-estar psicológico dos jovens.
- Analisar a relação da habilidade social dos jovens com os níveis de escolaridade.
- Comparar a habilidade social e bem-estar entre jovens em situação de desemprego, do sexo feminino e do sexo masculino.

- Investigar as variáveis sócio-demográficas e sua relação com as habilidades sociais e o bem-estar psicológico em jovens desempregados.

Método

Para tratar do tema do desemprego juvenil foi realizado um estudo de cunho quantitativo transversal, descritivo e correlacional.

Amostra

O universo do estudo foi constituído pelos jovens em situação de desemprego, com idade entre 18 a 24 anos, que freqüentam as agências do Sistema Nacional de Emprego (SINE) e as escolas Estaduais, todos situados no Vale do Paranhana, que se caracteriza por ser uma região de fabricação de calçados no RS. Os critérios de inclusão considerados foram: residir no Vale do Paranhana; ter trabalhado pelo menos uma vez, mesmo de modo informal, e estar desempregado há mais de seis meses, pelo motivo de não estar recebendo seguro desemprego. O critério de exclusão exigido foi não estar em acompanhamento psiquiátrico por mais de um ano, por ter algum transtorno psiquiátrico maior.

A amostra foi composta por 232 jovens, sendo 50,4% do sexo masculino e 49,6% do sexo feminino (ver Tabela 1). Os jovens tinham entre 18 e 24 anos ($M= 20$; $DP= 2$). Em relação ao nível de escolaridade, a maioria (68,9%) se situa entre o ensino fundamental incompleto e o ensino médio incompleto. O maior número dos respondentes (83,2%) se concentra no grupo dos solteiros. Apenas 24,1% deles possuem filhos. O tempo mínimo em que os jovens se encontravam na situação de desemprego foi de seis meses, o médio é de 9,56 meses ($DP = 5,89$) e o máximo de 48 meses.

Tabela 1

Dados Demográficos da Amostra (n= 232)

Variáveis de controle	Níveis	n	%	M	DP
1. Sexo	Masculino	117	50,4		
	Feminino	115	49,6		
2. Estado civil	Casados	36	15,5		
	Solteiros	193	83,2		
	Separados	03	1,3		
3. Filhos	Com filhos	56	24,1		
	Sem filhos	176	75,9		
4. Nível de instrução	Fundamental incompleto	42	18,1		
	Fundamental completo	27	11,6		
	Médio incompleto	91	39,2		
	Médio completo	56	24,0		
	Superior incompleto	16	6,9		
5. Frequentam escola	Estão estudando	112	48,3		
	Não estão estudando	120	51,7		
6. Número de empregos	1 a 4	180	77,9		
	+ de 4	52	22,1		
7. Motivo da saída	Pediu demissão	124	53,4		
	Foi demitido	108	46,6		
8. Tempo de desemprego (meses)	Mínimo			6,00	
	Média			9,56	5,89
	Máximo			48,00	

	Sim exerceu	151	65,1
9. Exerceu atividade informal	Nunca exerceu	81	34,9

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário sócio-demográfico, o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e o Questionário de Saúde Geral – QSG-12. O questionário sócio-demográfico (Anexo A) constituiu-se de questões objetivas, que investigaram dados, tais como idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade, cursos profissionalizantes, situação familiar, quantidade de empregos, tipo de trabalho realizado formal ou informal, motivo da demissão e tempo de desemprego.

O Inventário de Habilidades Sociais (IHS) desenvolvido no Brasil por Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette (2001), é uma escala tipo likert composta por 38 itens que permitem identificar déficits e recursos em habilidades sociais, como por exemplo: questão 1 - Em grupo de pessoas desconhecidas, fico à vontade, conversando naturalmente. As alternativas de respostas são: nunca ou raramente (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 2 vezes); com pouca frequência (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 3 a 4 vezes); com regular frequência (em cada 10 situações desse tipo, reajo desta forma 5 a 6 vezes); muito frequentemente (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes) e sempre ou quase sempre (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes). A alternativa que indica a frequência com que o indivíduo apresenta a reação sugerida é a que deve ser assinalada. Foram efetuados estudos de análise de itens, consistência interna (Alfa de Cronbach = 0.75), estabilidade teste-reteste ($r=0,90$; $p = 0,001$), validade concomitante com o Inventários de Rathus ($r=0.79$; $p = 0.01$). O IHS possui três parâmetros de avaliação: (1) o escore total; (2) cinco escores fatoriais que são as classes de habilidades interpessoais consideradas pelos autores: enfrentamento e auto-afirmação com risco, auto-afirmação na expressão de sentimento positivo, conversação e desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos e a situações novas e autocontrole de agressividade; e (3) escores brutos atribuídos a cada item separadamente (Del Prette & Del Prette, 2001). Este instrumento de acordo com as diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (CRP-06, 1996 apud, Del Prette & Del Prette, 2001) é de uso exclusivo do psicólogo, não podendo ser anexado neste relatório de pesquisa.

O Questionário de Saúde Geral – QSG 12 – (Anexo B) é uma versão reduzida do instrumento original (Goldberg, 1972), adaptada para o Brasil. A versão, composta por 12 itens, é um dos instrumentos mais utilizados para medir o bem-estar psicológico, principalmente em estudos ocupacionais. O escore total pode ter a pontuação mínima de 12 pontos e máxima de 48 pontos. Para interpretar estes resultados deve-se considerar que os escores são avaliados inversamente, ou seja, quanto *menor* for o escore obtido pelo indivíduo, *maior* será o seu nível de bem-estar psicológico; quanto maior for o escore obtido maior será o índice de mal-estar. A escala é composta ainda por três fatores que se referem à auto-estima, à depressão e à auto-eficácia. O coeficiente Alfa estimado para a totalidade dos itens do QSG-12 foi de 0,80 (Sarriera, Schwarcz, & Câmara, 1996).

Descrição do local

O Vale do Paranhana está localizado no estado do Rio Grande do Sul. A força de trabalho está centrada, não apenas na indústria calçadista, mas também em toda a cadeia produtiva como de máquinas e componentes. Este segmento produtivo absorve grande parte da mão de obra da região. Com a abertura do mercado brasileiro às importações nos anos 90, as empresas calçadistas passaram por crises. Como reação, as fábricas passaram a introduzir mudanças tecnológicas e organizacionais, flexibilizando a produção através de programas de qualidade total, células de produção e outras medidas para aumentar a produtividade e competitividade internacional (Lima, 2008).

Procedimentos de coleta de dados

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, iniciou-se a coleta dos dados. Os jovens que estavam em situação de desemprego foram convidados a participar do estudo e os interessados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C). A aplicação dos instrumentos foi realizada em grupos pequenos, em sala reservada nas dependências das agências dos SINEs, ou em escolas estaduais da região do Vale do Paranhana. Neste momento, os participantes recebiam instruções específicas sobre como responder cada um dos questionários. A devolução dos resultados foi feita individualmente para os jovens que a solicitaram. Os jovens que apresentaram necessidades de

acompanhamento, médico ou psicológico, foram encaminhados para atendimento em locais que oferecem serviços gratuitos para a população.

Análise de dados

Todas as informações, obtidas através dos questionários foram processadas em bancos de dados no programa Statistical Package for Social Science (SPSS) versão 17. Em seguida, foi feito o cálculo do escore geral do IHS, segundo as instruções do manual (Del Prette & Del Prette, 2001). Também, foi calculado o escore geral do QSG-12, conforme instruções obtidas no artigo de Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996). Os resultados das respostas dos sujeitos aos itens de todos os testes foram computados em termos de médias e desvios-padrão. Para avaliar diferenças entre grupos, utilizou-se *teste t*. Também, foi realizada análise de correlação de Pearson para avaliar a relação entre habilidade social e bem-estar psicológico. Por fim, através da análise de regressão linear *stepwise*, para verificar quais variáveis podem ser preditoras de saúde.

Resultados e discussão

Visando descrever algumas características dos jovens em relação à situação de desemprego foram investigadas as seguintes questões: quantos empregos tiveram; motivo de saída do(s) emprego(s) anterior(es), quais são as razões referidas para o seu desemprego e, por fim, quais as conseqüências geradas pela perda do emprego, seja ele formal ou informal.

Do total da amostra investigada, 77,9% dos jovens afirmaram ter tido até três empregos. Além disso, 53,4% dos jovens afirmaram que pediram demissão do seu último emprego, ou seja, saíram voluntariamente. Este resultado corrobora com o estudo realizado por Flori (2003), que apontou que o fator determinante para que a taxa de desemprego juvenil seja mais elevada é a alta rotatividade dos jovens no mercado de trabalho.

Ao buscar analisar a causa da rotatividade dos jovens, os principais motivos alegados para a saída do último emprego foram descritos na seguinte ordem: redução do quadro de funcionários (28,4%); baixo salário (19,8%); não assinaram minha carteira e não pagavam em

dia o salário (19%); a empresa fechou (11,6%); recebeu proposta melhor (8,6%); mudança de endereço do jovem (7,8%); dificuldade de relacionamento com a chefia (3,9%) e mudança de endereço da empresa (0,9%).

Os resultados evidenciaram ainda que o grupo que se encontrava em situação de desemprego e no passado estava devidamente registrado (carteira profissional) apresentou um escore maior ($M=12,0$) no teste QSG -12, indicando que sofrem mais a perda do trabalho, comparado ao grupo ($M=10,0$) que exerceu apenas atividades como “biscates” ($F=3,96$; $p<0,05$). Neste estudo, entende-se como “biscates” todo trabalho que propicia uma renda, mas que não é protegido por lei. Este resultado sugere que os jovens percebem a perda de um emprego protegido por lei como mais doloroso, quando comparado à perda de um trabalho informal. Também pode indicar que fazer biscate proporciona menor sofrimento do que estar sem nenhuma ocupação.

Uma pesquisa, realizada por Bjarnason e Sigurdardottir (2003) com jovens desempregados contínuos e com jovens que desempenhavam atividades temporárias, indicou que o segundo grupo, por realizar atividades temporárias, era menos ansioso do que aqueles continuamente desempregados, visto que tinham uma renda para se manter, apesar de não estarem protegidos por lei. Porém, com o passar dos anos, a ansiedade destes jovens aumentou devido à falta de perspectiva de futuro.

O estudo de Constanzi (2009) apontou que no ano de 2006, dos 22 milhões de jovens economicamente ativos, aproximadamente 11 milhões estavam inseridos em ocupações informais. Desta forma, a taxa de informalidade entre os jovens era de quase dez pontos percentuais mais elevados do que a dos adultos, e afetava 60,5% dos jovens ocupados.

No nosso estudo, 65,1% dos jovens, em situação de desemprego, já tinham realizado algum tipo de trabalho informal. Ao comparar o grupo de trabalhadores formais com os informais, os resultados ($F =6,54$; $p<0,05$) apontaram que o segundo grupo está há mais tempo desempregado ($M=10,0$), quando comparado ao primeiro ($M=8,6$). Esta diferença pode estar relacionada com a dificuldade para comprovar experiência profissional, muitas vezes exigida pelos empregadores. Outra possível explicação a isto poderia ser o fato de que os jovens que estão ocupados, mesmo que informalmente, procuram com menor frequência por vagas de emprego, pois têm menos tempo e menos necessidade para isto, por já possuírem alguma renda.

Ao analisar a variável gênero e tempo de desemprego os resultados apontaram que os jovens do sexo masculino apresentam tempo de desemprego ($M = 8,64$) estatisticamente inferior ($F=10,83$; $p<0,001$) quando comparados às jovens ($M = 10,48$). O estudo de Aquilini e Costa (2003) que aborda o tema “desemprego e a inatividade das mulheres na metrópole paulista”, também apontou que a mulher enfrenta maior tempo de desemprego do que os homens, ainda mais se forem jovens e de baixa escolaridade. Para as autoras, os contornos da fronteira entre a inatividade e o desemprego se apresentam de modo muito fluido, para as mulheres, as quais são geralmente classificadas como inativas “do lar”, independente do motivo ser por falta de perspectiva de inserção no mercado de trabalho ou por opção para cuidar dos filhos. Neste contexto, as mulheres são facilmente deslocadas do desemprego para a inatividade: nas representações sociais, reduzindo-se a categoria dona-de-casa ao feminino. Além disso, nos últimos 18 anos, a taxa de desemprego das mulheres na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) sempre foi superior a dos homens, o que reflete maiores obstáculos para as mulheres se inserirem e pode influenciar de forma negativa na construção de sua identidade social e como trabalhadora.

Ao investigar a relação entre os cinco fatores do IHS e gênero através de teste t, observou-se que somente a variável auto-afirmação na expressão de afeto positivo apresentou uma associação significativa ($F=4,04$; $p<0,05$), o que sugere que as jovens apresentam maior capacidade de auto-afirmação quando comparadas ao sexo masculino. Obter um escore elevado neste fator indica uma boa capacidade para expressar sentimentos positivos e para manter conversas triviais (Del Prete & Del Prette, 2001). Este resultado sugere que as jovens apresentam uma capacidade maior para falar de seus sentimentos, o que é coerente com as características tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino.

A pesquisa realizada por Del Prette et al. (Del Prette & Del Prette, 2001) também apontou que as universitárias apresentaram um escore maior no fator auto-afirmação na expressão de afeto positivo. Para os autores, este resultado pode sofrer a influência dos valores e normas culturais sobre a aprendizagem das habilidades sociais, o que pode gerar critérios de desempenho sociais diferenciados em função do gênero. Considerando-se que a amostra deste estudo reside numa comunidade típica do interior, que tem como característica passar a tradição da cultura alemã de pai para filho, sendo a região nacionalmente reconhecida pelas festas alemãs, pode se supor que, apesar das mudanças que vem sendo verificadas na população juvenil nos últimos anos, as diferenças de gênero ainda prevaleçam nesta região.

Investigou-se, também, a relação entre gênero e os três fatores do QSG-12, onde somente a variável auto-estima apresentou uma associação significativa. Os resultados

($F=6,56$; $p<0,01$) apontaram que os jovens do sexo masculino apresentam um menor escore ($M=6,5$) quando comparados com o grupo feminino ($M=7,4$). Ressalta-se que no Questionário de Saúde Geral – QSG-12 – quanto menor for o escore maior será a auto-estima. A auto-estima é definida como “uma atitude positiva ou negativa do individuo frente a si mesmo.” (Rosemberg, 1973 apud Sarriera, Schwarcz, & Câmara, 1996, p. 301). Nesse sentido, a percepção dos valores que o indivíduo tem sobre si mesmo exerce influência sobre a auto-estima, e conseqüentemente sobre tudo a que ele possa atribuir grande importância, como ter ou não um trabalho. Como resultado, ter uma auto-estima positiva pode auxiliar os jovens a enfrentar melhor a situação de desemprego, sendo mais eficazes na busca por um trabalho.

Análise da variável escolaridade em relação a: tempo de desemprego, habilidades sociais e bem-estar psicológico

Muitos fatores podem influenciar no tempo de desemprego de um jovem, aumentando-o ou diminuindo-o. Em função disso, analisou-se a relação entre a variável nível de escolaridade com: o tempo de desemprego, os cinco fatores de habilidades sociais e os três fatores de bem-estar psicológico.

Os resultados indicaram que 68,9% dos jovens não possuem o ensino médio completo. Dentro da própria amostra também se observou que 51,7% dos jovens não estavam freqüentando uma escola, no momento em que foi realizada a pesquisa, sendo esta a população de jovens que buscavam emprego nas agências do SINEs. Costanzi (2009) em seu estudo “trabalho decente e juventude no Brasil (OIT)” salienta que a inserção dos jovens em ocupações precárias e informais, contribui para que o jovem abandone a escola, porém este trabalho não acrescenta nada para a sua qualificação profissional. Como resultado, esta busca de trabalho, devido à necessidade de contribuir com o orçamento doméstico, gera prejuízos à formação educacional formal, o que por sua vez também pode gerar efeitos negativos sobre sua inserção futura no mercado de trabalho, pois este jovem fica sem ter como comprovar experiência profissional.

Os jovens estudantes e em situação de desemprego estão há menos tempo desempregados ($M=8,7$) quando comparados ao grupo que interrompeu os estudos ($M=10,3$); ($F=8,03$; $p<0,05$). Observou-se ainda que o grupo que não está freqüentando uma escola apresenta escore significativamente ($F=5,78$; $p<0,05$) maior no QSG-12 ($M=12,7$), indicando

menor índice de bem-estar psicológico, comparados ao grupo de estudantes ($M=10,2$). Este dado sugere que o jovem, ao interromper os estudos, imagina que as suas chances de ter um trabalho e se realizar profissionalmente diminuem, o que afeta a sua saúde. Nesse contexto, pode-se pensar que o jovem não é indiferente ao que lhe cerca e sofre por não visualizar uma perspectiva de futuro mais favorável.

As políticas econômicas definem a situação do mercado de trabalho, cada dia mais escasso, direcionando ao desemprego juvenil estrutural. Além disso, com a entrada das novas tecnologias está havendo um novo ordenamento do mercado de trabalho, antigas profissões estão sendo eliminadas e novas estão surgindo. Sob esta perspectiva, os perfis profissionais desejados mudam constantemente, fazendo com que a formação profissional do jovem seja mais polivalente, de forma que possa adaptar-se com facilidade, às exigências dos novos tipos de trabalho que estão surgindo. Mas para isto, trancar-se apenas na sala de aula não basta, o jovem necessita conhecer os recursos que existem na sua comunidade em termos de trabalho, conhecer o mercado de trabalho de modo geral, analisar as políticas do governo, para então se preparar e adequar os projetos pessoais às exigências sociais (Sarriera, 1998).

Ao comparar o grupo de jovens que fizeram cursos de aperfeiçoamento, como informática, auxiliar administrativo ou técnico de calçado, com o grupo que não fez nenhum curso, os resultados indicaram ($F=16,87$; $p<0,001$) que os jovens do primeiro grupo apresentam menor tempo de desemprego ($M=8,6$) quando comparados ao segundo grupo ($M=10,5$). Neste contexto, a situação de desemprego gera dificuldades cada vez maiores para o jovem, ou seja, as pessoas que possuem poucos recursos financeiros necessitam trabalhar, contudo, com pouca qualificação apresentam mais dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, tendo como resultado um tempo prolongado na situação de desemprego que pode gerar sofrimento e exclusão social.

Estes resultados vão ao encontro com os estudos de Kliksberg (2006). O autor observou que os jovens que provêm de famílias com vulnerabilidade socioeconômica percebem sua vida drasticamente marcada pela falta de oportunidades, o que os impulsiona para o mercado de trabalho com uma idade precoce. Além disso, a possibilidade deste jovem de cursar estudos secundários é limitada, pois não possuem rede de relações sociais que possa impulsioná-los e sua inserção no mercado de trabalho é mais problemática.

Conforme a tabela 2 observou-se que a amostra apresentou um escore médio alto de habilidades sociais. Isto pode ter ocorrido devido ao fato da amostra ser composta por pessoas jovens. Na atualidade, os jovens se posicionam mais sobre suas questões sociais e afetivas, falam sobre elas e têm mais oportunidades de serem ouvidos (Silva, 2002). Este comportamento pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais e pode promover um repertório de respostas mais adaptativas frente à situação de desemprego (Ramirez & Cruz, 2009).

Tabela 2

Análise descritiva IHS total e gênero

Análise	Homens (n=117)	Mulheres (n=115)	IHS Total (n=232)
Média	100,11	96,65	98,40
Desvio padrão	15,84	18,88	16,42
Valor mínimo	54,00	61,00	54,00
Valor máximo	134,00	139,00	139,00

É importante ressaltar que existe diferença na interpretação dos escores entre o sexo masculino e feminino. A amostra feminina necessita alcançar um escore de 92 pontos para obter a interpretação média, ou seja, um bom repertório em habilidades sociais, enquanto o escore exigido para a amostra masculina é de 96 pontos. De acordo com a tabela 2, os resultados apontaram que a média de habilidades sociais do grupo masculino foi maior ($M = 100,11$) comparada ao grupo feminino ($M = 96,65$). A média do grupo no escore total do IHS foi de 98,40, indicando um bom repertório de habilidades sociais. Os escores médios e acima da média são considerados como repertório bastante elaborado de habilidades sociais, enquanto os valores abaixo da média indicam necessidade de treinamento (Del Prette & Del Prette, 2001).

Para avaliar o impacto do desemprego sobre a saúde dos jovens levantou-se os dados obtidos no QSG-12 e depois se classificou estes resultados, de acordo com o modelo proposto por Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996), onde os valores são divididos em quatro níveis (saúde muito boa, boa, regular e ruim). A média obtida na amostra investigada indicou que a maioria se situa no grupo que está com saúde boa e muito boa (Tabela 3).

Tabela 3

Níveis de saúde

Níveis de saúde	Pontos	Amostra Total		
		(n =232) Fr.	%	
Muito boa	12 a 18	53	22,8	
Boa	19 a 24	83	35,8	
Regular	25a 30	63	27,2	
Ruim	Acima de 30	33	14,2	
Níveis de saúde	Homens		Mulheres	
	(n=117) Fr.	%	(n=115) Fr.	%
Muito boa	30	25,6	23	20,0
Boa	47	40,2	36	31,0
Regular	27	23,1	36	31,0
Ruim	13	11,1	20	17,0

Os resultados apontam que 58,6% dos jovens, apresentam saúde de boa a muito boa. Do total, 27,2% estão com a saúde abalada, sugerindo certo prejuízo, mas também que ainda conseguem lidar com possíveis dificuldades. E 14,2% deles estão no grupo de saúde ruim, indicando que estão sofrendo.

Ao analisar homens e mulheres separadamente, para avaliar como eles se distribuem entre os quatro níveis de saúde, observou-se que estes grupos podem se posicionar de forma diferente frente à situação de desemprego. Os resultados da tabela 4 apontam que mais de 50%, tanto de homens como de mulheres, se situam nos grupos entre saúde muito boa e boa. Contudo, 48,7% das mulheres se situam no grupo de saúde regular e ruim, enquanto apenas 34,2% dos homens se situam nestes grupos. Este resultado sugere que as mulheres apresentam pior bem-estar psicológico, ou tem uma saúde psicológica mais precária como apontado em estudos anteriores, sendo que neste grupo estudado a situação de desemprego pode também ter contribuir para este sofrimento.

Santos e Alves Junior (2007) buscaram conhecer a ocorrência de estresse em 27 mestrandos em ciências da saúde da Universidade Federal de Sergipe. Os resultados

mostraram houve associação significativa entre estresse e sexo ($p < 0,05$), estando as mulheres mais vulneráveis ao mesmo. Já no estudo de Aquilini e Costa (2000), as mulheres desempregadas e as trabalhadoras informais apresentaram um risco aumentado para os transtornos mentais comuns, sugerindo que sofrem mais diante das dificuldades vivenciadas como a situação de desemprego. Além disso, na tabela 4 é possível observar que a média do grupo total de homens representa saúde boa, já a média das mulheres indica saúde regular.

Tabela 4

Análise descritiva QSG-12

Análise descritiva	Homens (n=117)	Mulheres (n=115)	QSG-12 Total (n=232)
Média	22,43	24,57	23,48
Desvio padrão	5,86	6,76	6,39
Valor mínimo	12,00	12,00	12,00
Valor máximo	41,00	47,00	47,00

Outro estudo que também investigou a variável gênero e estresse verificou que o mesmo é maior em juízas em função da ocupação exercida. Para as autoras, as diferenças em gênero encontradas merecem atenção devido às condições sociais que levam as mulheres a ter que despender um esforço maior para lidarem com as exigências da vida diária, no ambiente familiar e no seu ambiente de trabalho. Um dos fatores que podem contribuir para um nível de estresse patológico é conhecido como a jornada tripla de trabalho, que resulta em redução no número de horas do sono e, conseqüentemente, pode acarretar uma série de problemas de saúde (Lipp & Tanganelli, 2002).

Na verdade muitas mulheres além das funções regulares de esposa/mãe são profissionais em potencial e sua remuneração é importante para manter o orçamento doméstico. Conseqüentemente, a falta de perspectiva de trabalho, as deixa mais vulneráveis diante da responsabilidade e de não ter como ajudar no sustento da família, o que pode contribuir para que seu nível de mal-estar seja mais elevado.

Correlação entre as variáveis e análise de regressão

A fim de atingir o primeiro objetivo do estudo, verificar a relação entre desemprego, habilidades sociais e bem-estar psicológico, verificou-se que houve correlação significativa entre habilidades sociais e o bem-estar psicológico ($r=-0,17$; $p<0,05$), indicando que, quanto maior for o índice de habilidades sociais maior é o nível de saúde. Desse ponto de vista, o sofrimento provocado pela situação de desemprego pode ser minimizado “com o desenvolvimento das habilidades sociais, por favorecer a qualidade das relações interpessoais e permitir ao sujeito expressar comportamentos mais adequados ao contexto, propiciando soluções mais satisfatórias” (Gerk & Cunha, 2006, p.193), conseqüentemente, aumentando o estado de bem-estar.

Entende-se que a fraca correlação ($r=-0,17$) pode ter sofrido a influência do pouco tempo de desemprego de grande parte da população pesquisada, já que o tempo de desemprego variou de 6 a 48 meses, com média de 9,56, sendo que 90,5% dos jovens deste estudo tinham entre 6 e 12 meses de desemprego, o que também pode ter contribuído para que os níveis de saúde e de habilidades sociais fossem mais elevados. O pouco tempo de desemprego como um fator de melhor nível de saúde é tema do estudo de Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996). Os autores apontam que os jovens desempregados pelo período entre quatro e seis meses apresentaram o melhor nível de bem-estar psicológico. Outro estudo, realizado por Thomas, Benzeval e Stansfeld (2005), indicou que os efeitos psicológicos negativos são mais pronunciados após seis meses de desemprego. Reine, Novo e Hammarström (2004) realizaram uma pesquisa e fizeram comparações entre jovens desempregados a longo prazo – entendendo-se por longo prazo um período superior há um ano – e jovens que estavam nesta condição a curto prazo. O resultado indicou que o grupo representado por desemprego de longo prazo foi associado com baixa saúde psicológica em homens jovens.

Com relação ao objetivo de investigar as possíveis influências da renda familiar no bem-estar psicológico dos jovens, não foi encontrada uma associação significativa entre estas variáveis.

Através de uma análise de regressão linear *stepwise*, buscou-se verificar quais variáveis poderiam ser preditoras de saúde. O resultado desta análise ($F=4,37$; $p<0,05$) aponta que ser mulher ($B=0,15$) e ter menos habilidade social ($B=-0,16$) explica 5,4% da propensão de ter uma saúde pior (QSG12).

Considerações finais

Este estudo investigou jovens em situação de desemprego e analisou a relação desta situação com as habilidades sociais e o bem-estar psicológico. Os resultados apontaram que os jovens que fizeram parte deste estudo, tanto do sexo masculino (66,7%) como do feminino (60%), se localizam entre o nível médio e o nível o alto de HS, indicando haver um repertório bastante elaborado de habilidades sociais. Observou-se ainda que 58,6% deles apresentam níveis de bem-estar acima da média.

Na literatura, podemos encontrar estudos que indicam que os efeitos psicológicos negativos gerados pela situação de desemprego, são mais pronunciados após seis meses de desemprego (Sarriera, Schwarcz, & Câmara, 1996; Thomas, Benzeval, & Stansfeld, 2005). Existem também estudos como de Hamalainen et al. (2005) que abordam os efeitos do desemprego de longa duração - que se caracteriza pelo tempo nesta condição ser superior a um ano - e explicam que quanto maior for o tempo de desemprego maior poderá ser os riscos de afetar a saúde da população que se encontra nesta situação. Neste contexto, entende-se que o pouco tempo de desemprego da maioria da população pesquisada pode ter contribuído para que os níveis de saúde e de habilidades sociais fossem mais elevados e, conseqüentemente, a correlação entre as variáveis fosse fraca.

Os altos índices de habilidades sociais e de bem-estar psicológico da amostra também podem ser analisados através do comportamento do jovem diante da situação de desemprego. Através da análise, observou-se que 53,4% dos jovens saíram voluntariamente de seus empregos, indicando que foram em busca de novas oportunidades de trabalho. Assim, entende-se que, ao sair do emprego, eles podem visualizar uma nova oportunidade e não um sofrimento. Outro resultado, não menos importante, apontou que 65,1% da amostra investigada já tinham realizado algum tipo de trabalho informal. Ao realizar atividades sem proteção social eles encontram uma forma de amenizar os desgastes gerados pela situação de desemprego, o que também pode contribuir para que esta população apresente bom escore de saúde e de habilidades sociais, pelo menos em curto prazo.

Mas nem todo o jovem percebe a situação de desemprego do mesmo modo, assim o que irá determinar o seu estado de bem-estar ou não é a sua capacidade de absorver e resolver episódios de vida, como a situação de desemprego (Sarriera, Schwarcz, & Câmara, 1986). Nesta pesquisa, os resultados apontaram que existem diferenças em relação aos níveis de saúde e gênero. O percentual de mulheres que apresentam ter saúde regular e ruim é maior (48,7%), quando comparadas aos homens (34,2%). Este dado sugere que elas sofrem mais frente às dificuldades vivenciadas, além de permanecem mais tempo na situação de desemprego.

Outra diferença observada foi em relação aos jovens em situação de desemprego estudantes e os que abandonaram os estudos e que freqüentavam as agências dos SINEs. O segundo grupo apresentou menor índice de saúde. Este resultado sugere que o baixo nível escolar pode afetar a auto-estima do jovem, gerando mais sofrimento diante da situação de desemprego.

Sabe-se que o desemprego se manifesta de forma diferenciada na sua magnitude segundo as regiões, setores, mudanças econômicas, entre outras variáveis. Através deste estudo observou-se que, na região do Vale do Paranhana, os jovens indicaram que têm algumas necessidades específicas como: maior acesso à educação, maior oferta de cursos profissionalizantes gratuitos e de programas de inclusão no mercado de trabalho.

Embora não seja objeto deste estudo, ressalta-se que já existem programas voltados exclusivamente para a população jovem e de baixa renda, com pouca escolaridade e desempregados ou com inserção precária no mercado de trabalho, os quais são: o ProJovem (urbano, adolescente, trabalhador e campo), ProUni, Pontos de Cultura e Segundo Tempo (Silva & Andrade, 2009). Estes programas beneficiaram e continuam beneficiando muitos jovens em todo o território brasileiro, no entanto resultados de pesquisas demonstram que o percentual de jovens em situação de desemprego, que sofrem as conseqüências da falta de trabalho, ainda é alto.

As limitações deste estudo referem-se a uma população específica de jovens que residem no Vale do Paranhana e que, portanto, as conclusões aqui apresentadas devem ser consideradas de forma cuidadosa, e não podem sofrer generalizações. No entanto, como na literatura se observa que há uma carência, em nosso país, de estudos que avaliem as habilidades sociais de jovens em situação de desemprego, a presente pesquisa serve como estímulo para novas investigações sobre esta temática.

Seção III – Relatório da Pesquisa

3.1 Introdução

O desemprego juvenil é um acontecimento histórico que ocorre nas sociedades ocidentais contemporâneas. As causas descritas na literatura associam fenômenos de diversas ordens como: a revolução industrial (Ferreira, 1999), crise econômica internacional (Dathein, 2003; Sanchis, 1997), plano econômico (Lima, 2008), inflação (Reis & Camargo, 2007), elevado índice de natalidade em detrimento da fraca absorção da mão-de-obra (Bastos, 2006; Shek & Lee, 2004), alta taxa de rotatividade (Flori, 2003), pouca informação dos empregadores em relação ao perfil profissional dos jovens (Camargo & Reis, 2005) e, por fim, desigualdades sociais que elevam os índices de pobreza e dificultam o acesso à educação (Kliksberg, 2006).

No entanto, este fenômeno tornou-se mais visível quando iniciou o processo de globalização, o qual desencadeou uma exigência de aprimoramento continuado, afetando vários setores da vida econômica e social dos países, das instituições, das empresas e dos indivíduos. Essas pressões levaram as empresas a buscar uma mão-de-obra mais qualificada, exigindo do mercado um profissional que tenha, além da formação adequada, habilidades para desempenhar as tarefas (Borges, 2004).

Entre as novas habilidades requeridas pelo mercado de trabalho atual, estão às habilidades que se desenvolvem desde a infância e são adquiridas por meio do processo de aprendizagem, mas podem variar conforme o contexto social e cultural no qual o indivíduo está inserido (Bandeira, Rocha, Pires, Del Prette, & Del Prette, 2006). Estudos realizados no campo das habilidades sociais indicam que as pessoas socialmente competentes, podem apresentar relações pessoais e profissionais mais produtivas, além de melhorar a saúde física e mental. Por outro lado, o déficit nestas podem estar geralmente associados a dificuldades e conflitos nas relações interpessoais, a uma pior qualidade de vida e a diversos tipos de transtornos psicológicos como isolamento social, delinquência juvenil, desajustamento escolar (Del Prette & Del Prette, 2001).

O indivíduo e o meio interagem entre si, produzindo comportamentos que refletem na sua saúde e nas formas de ação, sendo que a sensação de bem-estar está relacionada com a forma como o indivíduo é capaz de absorver e resolver episódios de vida. Deste modo, o

estado de bem-estar está “diretamente ligado à vida de cada indivíduo e da sociedade, em um dado contexto e época específica” (Sarriera, Schwarcz, & Câmara, 1996, p.62). Alguns episódios podem ser tão estressantes que geram uma ruptura na sensação de sentir-se psicologicamente bem, gerando sofrimento e mal-estar. Entre os eventos considerados mais estressantes estão: a separação conjugal, o desemprego e a doença familiar (Sparrenberger, Santos, & Costa Lima, 2004).

A partir desta idéia, a proposta desta pesquisa buscou investigar as habilidades sociais e o bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego. Ainda que as habilidades sociais e o bem-estar não se sobreponham necessariamente, eles podem se cruzar e encontrar-se. Sabe-se que as fronteiras entre eles não são estanques, já que a situação de desemprego pode reduzir o interesse pelos laços sociais e afetivos, bem como afetar a auto-estima, aumentando o sentimento de solidão e fracasso, propiciando o desenvolvimento de distúrbios emocionais (Pinheiro & Monteiro, 2007).

A privação do trabalho pode colocar aquele a ela sujeita no lugar de “preguiçoso, indisciplinado, instável e irresponsável”, sendo por isto mesmo, o agente último da sua própria exclusão, na medida em que lhe faltam os valores da cultura normativa do trabalho assalariado (Guimarães, 2002). Pensando nisso, o desemprego é descrito, neste estudo, como uma “situação” temporária, por entender que se trata de um fenômeno transitório e involuntário.

O profissional da área da saúde não deve se eximir de seus compromissos sociais, políticos e éticos. Para tanto, cabe ao psicólogo acompanhar as transformações no mundo do trabalho para que possa promover a saúde do trabalhador, tanto do empregado como do desempregado. Para que esta ação seja eficaz, num primeiro momento, é importante buscar conhecer a nossa realidade. Nesta dissertação foi estudada a população jovem em situação de desemprego, do Vale do Paranhana, que possui as suas peculiaridades e suas necessidades, e com o seu resultado espera-se poder contribuir para a elaboração de intervenções futuras com este público.

3.2 Justificativa teórica

3.2.1 Jovem em situação de desemprego e bem-estar psicológico

A definição de jovem, na literatura, pode sofrer alterações de acordo com a finalidade. No Brasil, para fins de estudos e políticas públicas, situa-se em geral na faixa entre 15 e 24 anos, sendo que a partir dos 21 anos adquire-se a maioridade jurídica. Em relação ao trabalho, a idade legal para iniciar a atividade laboral é aos 16 anos. Neste estudo, abordou-se o jovem na faixa etária entre 18 e 24 anos. Fez-se um recorte a partir dos 18 anos de idade por se tratar de pessoas que ultrapassaram a maioridade legal e estão potencialmente preparadas para a inserção no mercado de trabalho.

Vale destacar que o jovem sempre esteve presente na produção econômica, mas não era reconhecido por suas atividades. Foi somente após a Revolução Industrial, em 1802, quando na Inglaterra pela primeira vez mencionaram os direitos dos trabalhadores infanto-juvenis, que ele passou para o lugar de trabalhador reconhecido perante a lei. Logo após, outros países industriais foram aderindo à legislação do trabalho juvenil (Durighetto, 2005). Com o nascimento das leis trabalhistas juvenis o jovem passou a ser visto pela sociedade como um titular de direitos e garantias e como um sujeito que sofre com a falta de oportunidades laborais.

Wicker (2006) investigou os modos de subjetivação de jovens de 16 a 24 anos que estavam em busca de seu primeiro emprego. Os resultados da pesquisa evidenciaram que uma parcela da população jovem encontra sérias dificuldades de inserção profissional e não encontra no trabalho algo que norteia positivamente a sua vida. Como consequência o jovem agarra-se a quaisquer possibilidades de inserção, resente-se com esta não-inserção social e encontra dificuldades de constituir outros modos de engendrar a sua existência.

A consequência mais imediata e evidente do desemprego é a perda do rendimento salarial. Em relação às consequências subjetivas, o fenômeno pode gerar sentimentos de desânimo, angústia, tristeza, desvalorização e de inutilidade. Além destes reflexos psicológicos, pode-se notar outros impactos como, acomodação e resignação a que se juntam desorganização e desestabilização dos modos de vida estabelecidos. Desta forma, a situação de desemprego não pode deixar de estar fortemente associada à produção e agravamento ao adoecimento (Caleiras, 2004).

No entanto, o desemprego não é vivido da mesma maneira por todos os jovens, nem suscita neles o mesmo comportamento. Na medida em que os recursos (financeiros, sociais, nível de escolaridade, apoio familiar, entre outros) de cada jovem são diferentes, as vivências da situação de desemprego também serão diferenciadas (Caleiras, 2004). Como os desempregados constituem um grupo socialmente heterogêneo, o estado de bem-estar pode ser definido como “o grau em que cada indivíduo julga a qualidade de sua vida

favoravelmente como um todo, em um dado momento de sua vida” (Veenhoven, 1991 apud Silva et al., 2007).

Na literatura são poucos os estudos que abordam o tema desemprego e bem-estar psicológico juvenil. Sarriera, Schwarcz e Câmara (1996) apontaram que os trabalhadores fixos apresentam os melhores níveis de bem-estar psicológico, classificados como “muito bom”, com 46% de jovens, frente a 41,4% de estudantes, 38,8% dos trabalhadores temporários e o índice mais baixo (27,9%) é o dos jovens em situação de desemprego. Lindström (2005), por sua vez, observou que, embora alguns fatores psicossociais do trabalho estejam, muitas vezes, associados a níveis elevados de transtornos de saúde, estar desempregado e ter problemas financeiros é ainda o mais forte preditor de problemas de saúde.

Todavia, alguns fatores servem como proteção e auxiliam o jovem a interagir com os eventos geradores de estresse como o desemprego, entre estes estão: as características singulares (auto-estima, inteligência, bom repertório de habilidades sociais e capacidade de resolução de problemas), o apoio afetivo de familiares e o apoio social externo como, escola, igreja e amigos (Garmezy & Masten, 1994).

3.2.2 Desemprego e habilidades sociais

Embora o termo “habilidades sociais” tenha surgido na década de 60, na Inglaterra, no Brasil, somente nas últimas décadas é que o volume de publicações tem aumentado consideravelmente, indicando o interesse crescente por essa área. Por ser um termo ainda recente, contempla uma diversidade de definições, mas, para Bolsoni-Silva, Del Prette, Del Prette, Montanher, Bandeira e Del Prette (2006), as habilidades sociais se referem “à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (p. 18).

A construção de um repertório de habilidades sociais, geralmente, ocorre em interações em contextos sociais naturais, como relacionamento entre pais e filhos, irmãos, cônjuges, amigos, colegas de escola e trabalho, e também em treinamentos formais (Murta, 2005). Um repertório bastante elaborado de habilidades deve incluir, além das reações assertivas de enfrentamento:

a habilidade de comunicação (fazer e responder perguntas, pedir *feedback*, gratificar, elogiar, manter e encerrar conversas), civilidade (dizer por favor, agradecer, apresentar-se, cumprimentar e despedir-se), assertivas, direito e cidadania (manifestar opinião, concordar, discordar, aceitar, recusar, admitir falhas, interagir com autoridade, estabelecer relacionamento afetivo e encerrar relacionamento, expressar raiva, pedir desculpas e lidar com críticas), empáticas (parfrasear, refletir sentimentos e expressar apoio), trabalho (coordenar grupo, falar em público, resolver problemas, tomar decisões, mediar conflitos e habilidades sociais educativas) e, por fim, habilidade para expressar sentimento positivo (fazer amizade, expressar a solidariedade e cultivar o amor) (Bolsoni-Silva et al., 2006, p.13).

Quando ocorrem falhas no processo de aprendizagem, também ocorrem déficits relevantes no repertório de habilidades sociais, sendo que há evidências crescentes de que estes déficits estão correlacionados com fraco desempenho acadêmico, delinquência, crises conjugais e desordens emocionais variadas, como transtornos de ansiedade (Murta, 2005) e podem estar também relacionadas com fraco desempenho profissional.

Campos, Del Prette e Del Prette (2000) analisaram as habilidades sociais e os valores de 28 jovens do estado de São Paulo, que viviam nas ruas. Os resultados, deste estudo, indicaram que as habilidades mais escassas apresentadas por este grupo foram: capacidade para expressar sentimentos positivos, fazer perguntas, lidar com críticas e controlar a agressividade. Além disso, estes jovens apresentaram dificuldades para negociar com seus empregadores, o que pode fazer com que, muitas vezes, não atinjam o objetivo desejado, como conseguir um emprego.

A identificação de habilidades sociais como um fator de proteção tem estimulado intervenções, como o Programa de Intervenção para a inserção sócio-laboral, realizado com jovens em situação de desemprego. Uma pesquisa-intervenção indicou que os jovens estavam desenvolvendo sua identidade ocupacional com projetos profissionais pouco definidos e demonstravam ter muita esperança e sonhos. Ao expressar o que esperam de seu futuro profissional, apresentavam dúvidas em relação às escolhas laborais. Também não sabiam como iriam concretizar seus ideais. Logo, quando estes jovens ingressam no mercado de trabalho, se apresentam inseguranças e um nível de formação deficitário, provavelmente lhes cabem os empregos que requerem menor qualificação e menor habilidade social, o que pode

influenciar significativamente na formação de sua identidade ocupacional (Sarriera, Silva, Kabbas, & Lopes, 2001).

Muito embora as habilidades sociais sejam consideradas como um fator de proteção no curso do desenvolvimento humano, ainda são escassas as intervenções realizadas com jovens desempregados (Murta, 2005). Além disso, os resultados dos estudos embasados nos dados apurados no período de 1994 a 2004 indicaram que dos 65 artigos encontrados que abordavam o tema “habilidade social”, apenas cinco investigaram estas habilidades relacionadas ao âmbito profissional. Estes estudos foram realizados com professores, psicoterapeutas e técnicos de segurança do trabalho (Bolsoni-Silva et al., 2006). Apesar dos autores ressaltarem a importância do reconhecimento das habilidades sociais como requisito para o sucesso profissional, ainda são poucos os estudos realizados no Brasil, que avaliem as habilidades sociais de jovens desempregados.

Diante das considerações apresentadas, pode-se perceber a necessidade de pesquisas que abordem a temática “desemprego juvenil, habilidades sociais e bem-estar psicológico”, e que possam contribuir para a elaboração de intervenções futuras com este público. Para tanto, foram elaborados dois estudos, um de cunho quantitativo, descritivo e correlacional e outro qualitativo. O primeiro estudo (quantitativo) está apresentado na seção II (p.32). Na continuidade deste relatório, então, será descrito o segundo estudo (qualitativo).

3.3 Objetivos

O objetivo principal deste estudo foi o de compreender e explicar como os jovens em situação de desemprego percebem a sua habilidade social e o seu bem-estar psicológico. Além disso, buscou identificar fatores do contexto social que os jovens apontam como dificuldades para a sua re-inserção no mercado de trabalho.

3.4 Método

3.4.1 Delineamento

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e de cunho exploratório. O foco do trabalho é “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2007, p. 21) dos jovens em situação de desemprego. Deste modo, o pesquisador ao investigar as características e as dificuldades de re-inserção no

mercado de trabalho, faz uma análise aprofundada dos jovens que obtiveram os maiores e os menores escores nos instrumentos (IHS e QSG-12) aplicados no estudo 1, para buscar compreender e explicar como uma mesma situação – desemprego - pode gerar diferentes tipos de respostas.

3.4.2 Participantes

Os participantes derivaram do primeiro estudo. A escolha dos mesmos foi feita através dos resultados obtidos no Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e do Questionário de Saúde Geral -12 (QSG-12). Para tanto, foram selecionados dois jovens que apresentaram os maiores escores em IHS e QSG-12 e dois com os menores escores em IHS e QSG-12. Os critérios de inclusão considerados foram: residir no Vale do Paranhana/RS; terem trabalhado pelo menos uma vez e estar desempregado há mais de seis meses. O critério de exclusão ponderado foi não estar em acompanhamento psiquiátrico. A tabela 5 descreve as características e os escores obtidos por cada um dos participantes.

Tabela 5

Descrição dos Participantes

Descritores	André ^a	Berê ^a	Carlos ^a	Débora ^a
Gênero	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Idade	18	21	20	19
Estado civil	Solteiro	Casada	Solteiro	Solteira
Filhos	0	2	0	0
Escolaridade	Médio incomp.	Fund. Incomp.	Médio incomp.	Fund.incomp.
Tempo de desemprego	6 meses	7 meses	11 meses	8 meses
Motivo do desemprego	Pediu demissão	Foi demitida	Foi demitido	Pediu demissão
Escore total IHS	134 ^b	61 ^b	112	91
Escore QSG-12	30	23	17 ^c	47 ^c

^a Os nomes dos participantes são fictícios.

^b Maior e menor escores do IHS.

^c Maior e menor escore de QGS-12.

3.4.3 Instrumentos

Foi realizada uma entrevista semi-estruturada (Anexo D), que investigou de forma detalhada, aspectos relativos à habilidade social, percepção sobre a saúde e a condição de desemprego. A mesma foi embasada na definição de Minayo, Deslandes e Gomes (2007) quando dizem que a entrevista semi-estruturada “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (p. 64). Além disso, a entrevista possibilitou enriquecer os dados primários obtidos através do questionário e dos instrumentos aplicados no primeiro estudo, através das informações fornecidas pelo jovem entrevistado sobre as suas idéias, crenças, maneiras de pensar, opiniões e sentimentos diante da situação de desemprego.

3.4.4 Considerações Éticas

Esta pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e aprovada sob número CEP 09/002. Ao iniciar a coleta dos dados os jovens interessados em participar da pesquisa foram informados de que sua contribuição ao estudo era voluntária e poderia ser interrompida a qualquer momento, sem que este ato acarretasse prejuízo. As considerações éticas seguiram a resolução 196/06 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo que se mantiveram todos os cuidados para garantir o sigilo e preservar a identidade dos participantes.

Todos foram esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos, os interessados em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo E). Foram encaminhados para tratamento dois participantes que demonstraram necessidade de acompanhamento psicológico, na rede pública. E os jovens que manifestaram interesse, receberam uma devolução dos resultados individualmente.

3.4.5 Procedimentos de coleta de dados

Para realizar este estudo os participantes foram contatados, num primeiro momento, por telefone, para serem convidados a participar novamente da pesquisa. As entrevistas foram agendadas em duas agências do SINE da região do Vale do Paranhana/RS. Os participantes foram encaminhados para uma sala privativa, onde as entrevistas foram realizadas. Os dados foram registrados em gravação de voz e após, transcritos.

3.4.6 Descrição do local

O Vale do Paranhana está localizado no estado do Rio Grande do Sul e é formado pelos municípios de Igrejinha, Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas. Conforme os dados extraídos do “Guia Econômico do Vale 2009/2010”, estas cidades no ano de 2008 somavam uma população, aproximada, de 181.946 habitantes. Em relação ao mercado de trabalho no Vale do Paranhana, pode-se observar que há uma predominância da indústria, principalmente, a calçadista, logo após seguido pelo comércio, construção civil e agropecuária.

O percentual de jovens destas cidades, com idade de 15 a 24 anos, é de 17,95%, o que equivale a 32.283 da população total. A impossibilidade de uma maior precisão neste levantamento, deve-se aos dados consultados que englobam, também, a idade entre 15 e 17 anos, faixa etária que não pertence ao foco principal desta pesquisa.

3.4.7 Procedimento de análise dos dados

As informações coletadas através das entrevistas foram analisadas qualitativamente por meio do procedimento de análise de conteúdo. A pesquisa qualitativa prioriza a compreensão como princípio do conhecimento, e enfatiza o estudo das relações complexas ao invés de explicá-las por meio de isolamento das variáveis. Deste modo, a pesquisa qualitativa é percebida como um ato subjetivo de construção, que está “embasada em quatro bases teóricas: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições “objetivas” de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa” (Günther, 2006, p. 202).

Como nesta pesquisa a preocupação maior é com a análise em profundidade e abrangência da compreensão do tema, foi utilizada a técnica do estudo de caso. “Esta técnica surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (Yin, 2001, p. 21), como o desemprego juvenil. Também, é utilizada como uma estratégia para se “examinar acontecimentos contemporâneos, mas quando não se pode manipular comportamentos relevantes”, como a influência da situação de desemprego sobre a vida do jovem (Yin, 2001, p. 27).

Nesta sessão, serão apresentados quatro estudos de caso, referentes aos jovens em situação de desemprego que obtiveram os maiores e os menores escores no QSG-12 e no IHS.

Caso André

André (nome fictício), 18 anos, solteiro, obteve o maior escore no IHS (Tabela 5). Sua pontuação foi 134, que é considerado o maior escore possível - percentil 100 – neste instrumento. Este resultado indica um repertório bastante elaborado de habilidades sociais. A proficiência desse desempenho se refere “à capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores, articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 12). Este resultado está acompanhado de nível de saúde regular, conforme apontam os resultados do QSG-12. André se descreve como:

Bem extrovertido, bem humorado, quase sempre. Sou bem conversador mesmo. Ponto fraco: ser bem teimoso, bem cabeça dura. Por exemplo, assim: se eu vejo uma coisa que eu não concorde, eu sou a pessoa que vai lá e discute, e bate o pé e teima com a pessoa.... nem que a pessoa fique braba comigo.

Está na situação de desemprego há seis meses. As atividades profissionais já exercidas pelo jovem foram: atelier de calçado, estoquista de mercado, ajudante de padeiro e metalúrgico. No momento da entrevista estava estudando e residia com seus pais e um irmão. A ocupação do pai é cortador (de calçado) numa fábrica e da mãe é faxineira em uma escola do município. A situação econômica da família é estável. O pai do entrevistado trabalha há 12 anos em uma fábrica e recebe benefícios pelo tempo dedicado a empresa. A relação familiar é descrita pelo jovem: “*não (tenho) dificuldade nenhuma, me dou bem com eles tudo, né*”.

Este jovem demonstra perceber seus familiares como um fator de apoio diante da situação de desemprego. A descrição de apoio recebido deste jovem é embasada nas vivências familiares de apoio afetivo: “*me incentivando né. Pra pegar e ir atrás. Tentar conseguir emprego e financeiro apoio, que nem, eu sozinho não poderia pagar esse curso, no caso tô fazendo. E daí eles (pais) me ajudam, pagando a parcela (do curso) por mês né*”.

O trabalho, para André, representa um modo de ser independente dos pais e um sustento financeiro como sua fala demonstra: “*por um lado independência, eu não ter que*

depender tanto deles (pais), quanto também uma forma de ajudar eles em casa”. Além disso, o emprego possibilita concretizar projetos de vida próprios da fase em que se encontra:

Querida emprego. Através disso aí tentar fazer o mais rápido possível a minha carteira de motorista. Por que meu pai tem carro, tem moto, só que eu não tenho como pegar porque não tenho carteira de motorista né. Sabe, eu tenho dezenove anos, tenho idade pra fazer, não fiz até hoje. Basicamente seria fazer minha carteira primeiro.

Em relação ao motivo da demissão, André explica que trabalhava na mesma empresa que sua namorada, sendo que pediu demissão porque tinha terminado o namoro, de um ano e nove meses, e não queria mais trabalhar no mesmo ambiente em que ela se encontrava. No entanto sua fala denuncia o sofrimento que este rompimento gerou: *“como eu me machuquei muito com isso né, resolvi me afastar do emprego”*. Além disso, a expectativa do jovem em relação ao mercado de trabalho também foi frustrada: *“só que achei que ia conseguir outro logo, mas daí não consegui, né”*. Vivenciar o desemprego, mesmo que voluntário, representa uma perda não somente da condição financeira, mas também do status social, e na medida em que o tempo se prolonga a falta de perspectiva de uma nova oportunidade de trabalho pode gerar sofrimento. Além disso, o rompimento do namoro e o desemprego são duas perdas recentes (6 meses), o que sugere que este jovem pode estar realizando um processo de luto. Na situação de luto, toda perda gera um abalado na auto-estima e, conseqüentemente, pode diminuir o seu estado de bem-estar.

A dificuldade apontada por este jovem para se (re) inserir no mercado de trabalho está associada ao contexto atual da região do calçado que em determinadas épocas do ano é de baixa produção *“porque agora, até a época do ano, tá meio ruim de emprego, né. Agora, depois do mês de julho, dá uma melhorada”*. Denota-se um fenômeno recorrente na região, que desorganiza o mercado de trabalho todos os anos na mesma época, trazendo insegurança e pessimismo sobre o futuro dos jovens. Neste caso, aparece o sentimento de impotência diante da situação de desemprego da região, diminuindo o poder individual de ação.

No entanto, pode haver diferentes modos de enfrentamento diante desta situação, norteados, muitas vezes, pelas condições sócio-econômicas, culturais e ambientais que o jovem detém, conforme se observa nos relatos de André:

Eu to tentando né. Sempre faço um curso ou outro numa área diferente, pra ter uma experiência a mais. Tenho curso de secretariado, assistente de administração. Tenho

curso de movelaria, fabricação de móveis sob medida. Tenho curso de instalação de som e alarme automotivo. Tô fazendo curso de designer gráfico agora.

Além da busca por qualificação, existem outras alternativas que o jovem pode utilizar diante da situação de desemprego, que também podem auxiliar a obter resultados mais eficazes na tentativa de inserção no mercado de trabalho, conforme o relato de André exemplifica: *“fui três vezes depois (da entrevista) falar com o gerente, que eu conheço o cara. Daí ele falou que não pegaram ninguém daquela vez, da minha entrevista né. Só que igual, fica lá, daí nos arquivos. Quando precisar eles vão chamar né”*. Este comportamento sugere que ele busca respostas sobre as entrevistas realizadas, demonstrando ser ativo. Mas este não o protege diante das respostas negativas que recebe, nas quais os sentimentos descritos são, geralmente, de desânimo, angústia e tristeza, conforme a sua fala denuncia: *“nas entrevistas tudo bem. Só dá aquele desânimo quando tu não é chamado. Quando não chama, tu desanima um pouco né”*.

Notou-se que apesar de André demonstrar estar sofrendo, ele evidenciou conhecer a realidade do mercado de trabalho da região do calçado, sugerindo que além do caráter situacional e cultural, existem múltiplas dimensões envolvidas em um desempenho socialmente competente (Del Prette & Del Prette, 2006). Embasado no conhecimento da região ele busca qualificação profissional também fora da área do calçado, para obter mais oportunidade de trabalho, o que sugere uma atitude ativa frente à situação de desemprego. Além disso, possui apoio familiar que o auxilia tanto afetivamente como financeiramente, propiciando para que tenha certa tranquilidade frente a esta situação. A soma destes fatores - conhecimento, atitude ativa e apoio dos pais - e de alguns encobertos, que não foram possíveis verificar neste estudo, podem contribuir para que ele apresente um bom nível de habilidades sociais.

Caso Berê

Berê, 21 anos, casada, mãe de dois filhos, obteve 61 pontos no IHS, que equivale ao percentil três, que é considerado uma pontuação muito baixa neste inventário. Este escore indica que a capacidade desta jovem de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores em função das demandas imediatas e mediatas do ambiente pode estar comprometida. Este resultado indica necessidade de treinamento em habilidade

social, mas esta necessidade parece não afetar sua saúde, já que o resultado do QSG-12 indicou um bom nível de saúde.

Berê se descreve como: *“eu sô esforçada, faço o que me pedem e não reclamo”*. Está na situação de desemprego há 11 meses. As atividades profissionais exercidas foram em fábrica de calçado e como doméstica. Reside com seu marido e sua filha de 4 anos, mas tem mais um filho que reside com os avôs maternos, conforme explica: *“o pai dele vende drogas, por isto não pego pensão, minha mãe acha que se pedir pensão ele vai querer pegar a criança e não vai ser bom (para a criança) estar neste mundo (de drogas)”*. O marido da entrevistada também tem mais um filho, que reside com os avôs paternos. A ocupação do marido é de ajudante em uma floricultura, onde recebe um salário mínimo. Em relação a sua percepção sobre o relacionamento familiar, ela responde: *“meu marido me ajuda e conversa comigo quando tô nervosa, ele diz pra me acalma que logo eu vô consegui emprego”*.

O baixo poder econômico da jovem produz a necessidade de buscar no trabalho independência financeira, como um modo de aliviar a carga financeira que se concentra no marido, como Berê descreve: *“é ter dinheiro para ajudá em casa, não gosto de fica sem ajuda”*. Este relato sugere que ela também se percebe como responsável pela obtenção do auto-sustento, estabilidade e bem-estar da família.

Através do relato de Berê se observa que, muitas vezes, o jovem não fica sabendo o motivo de sua demissão: *“no primeiro emprego de carteira assinada tive que cuidar da minha menina que ficou doente, no primeiro mês de contrato, quando voltei me mandaram embora. Depois, não sei... (o motivo da demissão)”*. Ela acrescenta: *“só tive dois emprego de carteira assinada e fiquei só o contrato, depois fiz faxina em umas casas, mas também não deu certo”*. Esta falta de informação impossibilita o jovem de conhecer as suas deficiências e de buscar recursos para se adequar as exigências do mercado de trabalho.

A falta de condições sócio-econômicas e culturais pode gerar dificuldade para a jovem se inserir no mercado de trabalho, como exemplifica o discurso de Berê: *“tenho que leva ela (filha) junto (nas fábricas), às vez uma vizinha fica com ela, mas nem sempre tenho dinheiro para pagar”*. Além disso, ela acrescenta: *“eu só estudei até a quarta depois não passei, tinha dificuldade de aprende daí fui trabalhar”*.

Apesar das intempéries, Berê demonstra que busca se inserir no mercado de trabalho e em uma atividade que ela saiba desempenhar: *“eu vou todo dia nas fábrica (de calçado)...porque é só o que sei fazê”*. No entanto, a falta de perspectiva de trabalho gera sentimento de insegurança e temor em relação ao futuro, que tende a aumentar na medida em que resulta numa redução da condição financeira e nos meios de sobrevivência: *“Às vezes,*

fico triste porque não tô trabalhando”. Além disso, o desemprego também pode gerar nos familiares insegurança quanto ao futuro e frustração frente às expectativas não realizadas, o que pode resultar em ansiedade e cobrança conforme se observa no relato de Berê: “*meu marido fica nervoso comigo, ele diz que tenho problema porque não consigo trabalho. Então eu fico nervosa*”.

Berê demonstra vivenciar muitas dificuldades, como pouco apoio familiar, dificuldades socioeconômicas e baixo nível de escolaridade. Todos estes fatores e outros que não foram foco deste estudo como falta de asseio e comprometimento das capacidades cognitivas podem ter contribuído para que esta jovem apresente déficit de habilidades sociais. Ressalta-se que “o desempenho social pode ser considerado como uma seqüência e sobreposição de componentes comportamentais, cognitivos, afetivos e fisiológicos” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 14) com que a jovem reage diante de uma demanda social.

Além disso, a ansiedade frente a situações novas como, um emprego, pode constituir um fator inibidor do comportamento assertivo (Bandeira & Quaglia, 2006). Neste caso, pode interferir na capacidade perceptiva, fazendo com que ela não consiga entender as razões que a fazem ser demitida. Este sintoma deixa-a sem possibilidades de saída diante da situação de desemprego, que pode se tornar recorrente e cada vez mais prolongado.

Como as pessoas interpretam as causas e os eventos de suas vidas, constitui um fator que está relacionado com a emissão de comportamento assertivo. A assertividade é compreendida como uma subárea das habilidades sociais, e envolve a afirmação dos próprios direitos e a expressão de pensamentos e sentimentos de maneira direta, honesta e apropriada (Lange Jakubowski, 1978 apud Bandeira & Quaglia, 2006). Além disso, a assertividade está também relacionada a variáveis cognitivas, tais como o lócus de controle interno. Neste caso, quanto menos orientado internamente o jovem estiver, menor poderá ser sua atitude ativa e o seu grau de responsabilidade frente aos eventos de vida (Bandeira & Quaglia, 2006) como o desemprego, o que pode resultar em menor assertividade e em baixo repertório de habilidades sociais.

Berê demonstra que frente à situação de desemprego, a dificuldade de aprendizagem - relatada por ela - somada ao sentimento de ansiedade, pode diminuir sua capacidade de assertividade, fazendo com que necessite de treinamento de habilidades sociais. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, apesar da jovem demonstrar estar ciente das dificuldades vivenciadas como, falta de condições financeiras, pouco ou nenhum apoio familiar, entre outras, a soma de componentes comportamentais, cognitivos, afetivos e fisiológicos, e que não foram avaliados neste estudo, podem influenciar para que não perceba a extensão da

gravidade de sua situação, amenizando assim o seu sofrimento, o que pode resultar em bem-estar psicológico.

Caso Débora

Débora, 19 anos, solteira, obteve a maior pontuação no QSG-12, que foi de 47 pontos (Tabela 5). Considerando que quanto *maior* o escore *menor* é o índice de saúde, esta participante se insere no grupo de saúde ruim. Além disso, o resultado do IHS indicou que ela apresenta um repertório de habilidades sociais abaixo da média.

Débora se descreve da seguinte forma “*ah, eu ajudo, quando precisam de mim. Eu sou uma pessoa boa. Eu sou trabalhadeira quando tenho trabalho*”. No momento da entrevista, estava na situação de desemprego, há 8 meses. As atividades profissionais exercidas foram em comércio e atelier de calçados, sendo em sua maioria atividades sem registro em carteira.

Também havia se separado do marido, conforme explica: “*por que ele tava vendendo droga*”. Em função disto, ela saiu de casa e foi morar com um amigo, com o qual divide despesas, porém como está desempregada, não tem como contribuir com o orçamento doméstico. Em relação à sua família de origem, a jovem comenta que tem quatro irmãs e dois irmãos. Apenas a irmã mais jovem reside com sua mãe. Os demais estão casados e tem suas famílias. A jovem explica o motivo que a fez optar em não morar com sua mãe: “*é, porque, depois que o pai morreu ela só fez coisa meio errada assim, ela bebe. Não bebe de ficar louca, mas ela bebe. E eu não aceito que ela beba sabe. Daí ela começa dizer que o pai fazia isso, fazia aquilo. Mas ele tá morto. Daí eu não sei se é verdade*”.

Se, por um viés, para alguns jovens os pais se mostram presentes e atuantes, auxiliando-os diante da situação de desemprego, por outro, a realidade para muitos jovens é bem diferente, conforme se observa na fala de Débora: “*ah, minha mãe, ela não dá bola. Ela vê que eu fico meio desesperada e tudo*”. Os relatos desta jovem corroboram com a teoria de Kliksberg (2006). O autor afirma que os jovens que provém de famílias com vulnerabilidade sócio-econômica percebem sua vida drasticamente marcada pela falta de oportunidades. A possibilidade de eles cursarem estudos secundários é limitada, sofrem mais riscos significativos de saúde e sua inserção no mercado de trabalho é mais problemática.

Em relação à importância do trabalho, Débora verbaliza: “*é um meio de sobreviver*”. Esta jovem demonstra que o trabalho tem uma importância central, devido à situação de vulnerabilidade em que ela se encontra (desemprego, falta de apoio familiar e falta de

moradia), o que sugere que o desemprego pode ser interpretado como morte simbólica. Na medida em que os indivíduos em situação de desemprego se isolam e perdem a esperança de conseguir emprego, passam a realizar menos atividades sociais e o tempo inativo se expande. Este comportamento pode gerar depressão e remete ao desemprego como morte simbólica (Pereira & Brito, 2006).

Os motivos que levaram Débora a ficar na situação de desemprego foram: a mudança de endereço da empresa, mudança de endereço dela e dificuldades de relacionamento com sua chefia, conforme relata:

(a empresa mudou de endereço) *Ou eu me mudava dum lugar pro outro e aí ficava muito longe pra ir (para o trabalho) ou se não eu saia por sair. Porque tem horas que eu trabalhava num lugar assim, e daí a minha patroa pegava no pé e daí eu saía.*

No momento da entrevista, Débora buscava uma colocação no comércio como vendedora. Apesar de ter deixado vários currículos, não tinha sido chamada para realizar entrevistas. Em relação a sua dificuldade de inserção profissional, ela demonstra imaginar ser somente pela falta de escolaridade: *“por causa do estudo... Eu fui até a sexta. Mas só que eu coloco primeiro grau (completo, nos currículos), eu acho que é isso”*. Mesmo verbalizando que o nível de escolaridade é um requisito exigido pelo setor do comércio, ela acredita que poderia conseguir um emprego *“ah, eu acho que sim (se empregar). Tem bastante gente que não tem o “taco” (escolaridade) e estão trabalhando”*. Neste caso, ela demonstra que suas expectativas em relação ao futuro profissional podem estar calcadas na fantasia, o que pode repercutir em maior dificuldade para se empregar, além de gerar sofrimento.

Muitos jovens quando não conseguem realizar seu projeto profissional, como Débora, para sair da condição de desemprego e sobreviver, se refugiam em empregos informais - sem a proteção da lei. Estes, geralmente, expõem o jovem a condições sócio-econômicas adversas, a piores ambientes e condições de trabalho ruins, conforme se observa em seu relato: *“tive vários (empregos sem registro em carteira). Eu trabalhei num monte de ateliê de Parobé. Num até me incomodei, botei na justiça porque a mulher não me pagou”*. Este tipo de refúgio – em empregos informais - resulta em um maior risco de repetição da experiência de desemprego. Além disso, o trabalhador, diante desta situação, demonstra sentir vergonha, constrangimento e desonra, o que gera sofrimento mental (Barbara, 1999).

O desemprego como desencadeador de sofrimento psíquico pode ser observado através da fala de Débora: *“eu ando bastante estressada e irritada, por ficar em casa”*. Denota-se que o desemprego pode ser um fator de risco para a saúde, pois propicia

sentimentos de baixa auto-estima, ansiedade, irritação e depressão, principalmente entre indivíduos de classe economicamente baixa (Mossakowski, 2008).

No entanto, além do desemprego, as variáveis que podem fazer um jovem sentir-se excluído socialmente e adoecer são inúmeras, as que foram citadas na entrevista por Débora foram: a falta de apoio familiar e a moradia. A casa do jovem representa segurança, privacidade e até mesmo pode ser um reflexo da própria identidade (Gonçalves, 2008). Sem ela pode haver sofrimento pela perda do direito de um espaço que afeta a dignidade do jovem, conforme se observa no relato de Débora:

Ah, eu não fico muito bem, em casa, pelo menos não. Porque eu acho que fica se escalando (dependendo) ou coisa assim. Ele (amigo) diz que não, eu falo pra ele, daí ele diz que não, não sei o quê. Mas é que ele não tem obrigação né, não sou nada dele (ligação de sangue – família).

As expectativas de futuro também podem indicar o estado de bem-estar psíquico, ou seja, quanto maior for o bem-estar mais positiva é a descrição dos projetos. Mas quando as aspirações são atravessadas pelo sofrimento, gerado pela realidade vivenciada, a concretização dos sonhos pode ficar comprometida (Santos, 2002). O relato de Débora denuncia a necessidade de segurança e estabilidade: “*ter minha casa, ter meu emprego*”. A falta de uma estrutura básica pode fazer com que a jovem se torne mais vulnerável à doença mental frente à realidade que se impõe. Sabe-se que as reações frente à perda do emprego podem variar conforme as características pessoais, contudo a ocorrência de determinados eventos na vida do jovem como, pouco ou nenhum apoio familiar, falta de um lar e desemprego, podem gerar uma ruptura no psiquismo, que repercute sobre o seu estado de saúde.

Caso Carlos

Carlos, 20 anos, solteiro, obteve o menor escore no QSG-12, que foi de 17 pontos. Este resultado indica que este jovem demonstra ter saúde psíquica muito boa. Este resultado está acompanhado de um repertório bastante elaborado de habilidades sociais, conforme se pode notar através do escore total do IHS - 112 pontos.

Carlos se descreve da seguinte forma “*eu sou calmo. Só eu não sou vagaroso. Tenho facilidade de aprender. Eu sou assim, um pouco tímido, calmo. Só que eu tenho visão, esse é*

o meu jeito". No momento da entrevista, ele estava há 11 meses na situação de desemprego. A atividade profissional exercida foi somente em injetora, na função de operador.

No momento da entrevista, Carlos morava com seus pais e uma irmã mais velha. O seu pai está recebendo auxílio doença, conforme relato "*meu pai tá encostado devido a um acidente de moto*". A mãe do participante é "*mãe crecheira*" (cuida de crianças em sua casa). A irmã trabalha em um atelier de fabricação de calçados. O jovem está namorando. A função profissional da namorada é secretária. Pensa em se casar assim que conseguir um emprego. Segundo seu relato, sua relação familiar é estável e tranqüila.

As estratégias de apoio por parte dos pais facilitam as transições entre desemprego e emprego e podem reduzir os efeitos negativos desta situação conforme se observa na fala de Carlos: "*eles me apóiam. Eles pegam, que nem o meu pai, ele já falou com um amigo dele, né. Eles apóiam meus estudos*". Além disso, acrescenta: "*por enquanto, que eu não to trabalhando, se eu preciso de algo na parte financeira, ele me ajuda*". Apesar do apoio recebido dos pais ser descrito como importante, a situação de perda da condição econômica e de dependência pode gerar sofrimento: "*eu gosto (do apoio recebido), só que eu não sou mais uma criança, né. Assim, eu já tive o meu emprego, eu era totalmente independente. Eu morava junto com meus pais, só que eu tinha meu salário*". Neste caso, a trajetória de vida mostra que o trabalho adquiriu uma centralidade de suma importância, marcada pela necessidade de ser independente, conforme o relato denuncia: "*trabalho é um meio de tu ganhar a tua própria renda*".

Em relação ao desemprego, o que se nota no discurso de Carlos é uma atitude muito carregada de insatisfação com o trabalho, descontínuo, mal remunerado e que não permite a construção de uma identidade profissional, conforme a sua fala denuncia: "*(sai porque) é que a empresa não tava pagando direito. Até, agora, ela tá quebrando*".

Apesar de estar na situação de desemprego, Carlos demonstra fazer do processo seletivo uma via de duas mãos, onde além de se preparar para o mercado de trabalho ele também seleciona aonde irá trabalhar: "*eu tô procurando (emprego), tô indo atrás. Tô estudando também. Esse ano me formo do terceiro ano (ensino médio)*". Foi chamado para trabalhar, mas não aceitou a proposta de emprego, conforme explica "*... ia dar muito pouco o salário*". Este comportamento pode proteger o jovem diante das repercussões que um mau emprego pode gerar, mas também pode fazer com que seu tempo de desemprego seja maior. Assim, ao sair de um mau-emprego percebido como negativo, passa a vivenciar a situação de desemprego que também pode gerar efeitos negativos.

As dificuldades apresentadas por este jovem para se (re) inserir no mercado de trabalho formal estão associadas ao mercado de trabalho que tem suas características próprias da região de fabricação de calçados, onde ocorrem períodos de baixa produção: *“porque enquanto é que na área da injetora mesmo tá parado. Daí eu acho que é por isso”*.

As aspirações de Carlos demonstram a sua necessidade de auto-realização: *“assim que eu conseguir emprego. Daí eu pretendo, devagar, começar a fazer né (curso de matrizeiro)... Profissional, pegar numa injetora, ou conseguir emprego como matrizeiro”*. Neste caso, fica evidente que o desejo está vinculado a autonomia e formação educacional e profissional. Também sinaliza que as expectativas de futuro estão diretamente associadas a sonhos de melhorias e qualidade de vida, que podem ser realizados na medida em que ele conseguir se inserir no mercado de trabalho.

Carlos conscientemente parece não apresentar tanto sofrimento psíquico como apareceu no resultado do QSG-12, porém existem conseqüências negativas do desemprego que podem ser observadas através de alterações psicossomáticas, como aumento do peso, conforme se observa no relato dele:

Andei engordando bastante né. Daí assim, como o cara não tá trabalhando, fica em casa e comendo alguma coisa.... é porque eu sou bem ansioso.... Eu me sinto um pouquinho infeliz. Porque eu sei que eles (amigos) estão empregados e tão ganhando um salário deles todo mês e tudo né. Já eu não.

Neste caso, quando as defesas caracteriais e comportamentais não conseguem conter a gravidade dos conflitos ou a realidade – desemprego – há o risco de uma acumulação de energia pulsional, que não consegue se descarregar, resultando no aparecimento de uma doença somática (Dejours, 1992). A somatização é definida por Dejours como “o processo pelo qual o conflito que não consegue encontrar uma resolução mental desencadeia, no corpo, desordens endócrino-metabólicas, ponto de partida de uma doença somática” (1992, p. 127).

Denota-se que a situação de desemprego afeta a todos os que vivenciam esta condição, embora Carlos tenha apresentado um bom escore de bem-estar psicológico, os relatos denunciaram que a sua ansiedade diante desta situação, no momento da entrevista, estava sendo canalizada para o corpo, através do comer, além da necessidade para saciar a fome, resultando em aumento do peso.

A análise dos relatos de Carlos evidenciou que o apoio recebido dos pais pode lhe dar mais tranqüilidade para buscar um trabalho com uma boa remuneração, mesmo que o tempo de desemprego se prolongue. No entanto, alguns fatores também podem minimizar os efeitos

negativos do desemprego como o estudo e o namoro como se observa no relato de Carlos “às vezes vamos no centro (Carlos e a namorada), a noite vamos na Igreja”. Os estudos realizados por Silva et al. (2007) apontam que os adolescentes que relataram frequência semanal (ou maior) à igreja apresentaram maiores chances de satisfação com a vida, quando comparados com aqueles que freqüentam a igreja ocasionalmente ou raramente.

3.4.8 Integração dos Casos

A trajetória de vida dos jovens, deste estudo, demonstra que o trabalho adquiriu uma centralidade de suma importância, marcada pela necessidade de ser independente, sendo o significado do trabalho descrito como: um modo de ser independente dos pais; de obter sustento financeiro e de sobreviver. Observa-se através dos discursos que o baixo poder econômico do jovem produz a necessidade de buscar no trabalho independência financeira, como um modo de também aliviar a carga financeira que se concentra na família.

Asmus, Raymundo, Barker, Pepe e Ruzany, (2005) investigaram os motivos que levaram os jovens, que participaram do Programa de Saúde do Trabalhador Adolescente (PSTA-RJ), a ingressar no mercado de trabalho. Os autores elaboraram dinâmicas de grupo para discutir o tema “significado do trabalho”. Os relatos apontaram que a família era a principal responsável pela inserção do jovem no mundo do trabalho. Como resultado, os jovens não conseguiram formar uma visão mais abrangente sobre o significado do trabalho. Para eles o labor era mais uma das obrigações que teriam que realizar para ajudar na economia doméstica.

Neste contexto, o trabalho é descrito por sua falta, pelo não-trabalho, pelo desemprego. As repercussões da falta de trabalho podem gerar conseqüências negativas para o jovem e para a sociedade, visto que se manifesta como um fator de risco, por gerar instabilidade nas formas de inserção social e no padrão de vida. Frente às dificuldades muitos jovens com baixo poder aquisitivo aceitam desempenhar o trabalho que conseguem, simplesmente para obter uma renda, sem uma devida preocupação com a construção de uma identidade profissional, o que pode colocá-los a margem da sociedade e gerar sofrimento.

A experiência do desemprego não deve ser descrita por um único recorte, no entanto, os resultados evidenciaram que os jovens deste estudo vivem de forma diferenciada esta situação. A apreciação do material coletado revelou que o conhecimento adquirido em sala de aula pode auxiliar a desenvolver um bom repertório de habilidades sociais. Por outro viés, os

fatores emocionais como, a ansiedade, podem diminuir a capacidade do jovem em perceber a realidade e, conseqüentemente reduzem a freqüência das atitudes assertivas. Em relação ao bem-estar psicológico, ficou mais evidente que alguns fatores como falta de moradia, pouco ou nenhum apoio familiar e falta de emprego podem diminuir o nível de bem-estar e gerar um impacto na saúde dos jovens. Por outro a presença destes mesmos fatores pode aumentar o nível de bem-estar e, conseqüentemente propiciar saúde.

Uma das dificuldades apontadas pelos jovens, deste estudo, para se reinserir no mercado de trabalho refere-se à influência da econômica mundial sobre a economia nacional e regional, como a baixa do valor do dólar, que refletiu na produção de calçado reduzindo as exportações e, conseqüentemente, aumentou o número de pessoas desempregadas. Além disso, no Brasil na região Sul do país, as quatro estações do ano são bem definidas, o que faz com que as fábricas tenham que mudar o modelo de calçado a ser fabricado adaptando-os a estação vigente. Assim em alguns meses do ano, devido ao modelo de calçado a ser fabricado, a mão-de-obra necessária para confeccioná-lo diminui, resultando também em aumento do índice de desemprego.

O baixo nível de escolaridade sugere que diante de tantas dificuldades a serem enfrentadas para sobreviver, o jovem de classe sócio-econômica menos favorecida não consegue investir em educação. O trabalho em fábrica de calçado exige que os jovens trabalhadores façam horas extras, o que aumenta o seu salário, mas também gera dificuldade para conciliar o trabalho com o horário escolar. Com baixo nível de escolaridade suas chances de se reinserir no mercado de trabalho diminuem consideravelmente, gerando um círculo vicioso, diante do qual o jovem se percebe sem possibilidade de saída. A situação de desemprego, para alguns jovens, como os participantes deste estudo, muitas vezes, é percebida somente como uma responsabilidade pessoal, ignorando assim os outros fatores envolvidos, o que gera sentimento de impotência e sofrimento mental.

O desemprego afeta o psiquismo daqueles que o vivenciam. Através da análise dos dados observou-se que o Questionário de Saúde Geral -12 avalia o nível de bem-estar psicológico, mas para se obter maiores informações a respeito da saúde do jovem, como no caso demonstrado neste estudo, foi necessário fazer uma investigação mais aprofundada através de entrevistas para se descobrir que o sofrimento diante do desemprego, muitas vezes, pode se tornar invisível quando a doença é a somatização.

Os relatos evidenciaram que as experiências de desemprego vivenciadas pelos jovens, deste estudo, deixaram marcas profundas como, o sentimento de pessimismo e impotência diante da situação de desemprego da região do calçado, o que pode diminuir o poder

individual de ação. Além disso, a falta de perspectiva de trabalho gera sentimento de insegurança e temor em relação ao futuro, tanto nos jovens como em seus familiares, sendo que tende a aumentar na medida em que resulta numa redução da condição financeira e nos meios de sobrevivência. Neste caso, o desemprego como desencadeador de sofrimento psíquico pode ser também um fator de risco para a saúde, pois propicia sentimentos de baixa auto-estima, ansiedade, irritação e depressão, principalmente entre indivíduos de classe economicamente baixa.

Dentre as propostas mais atuais para apoiar o jovem em situação de desemprego, estão às intervenções realizadas junto às agências dos SINEs. Alguns destes trabalhos voltados especificamente para a população jovem foram realizados por Sarriera, Câmara e Berlim (2000), Wickert (2006) e Guiland e Monteiro (2009). Estas intervenções têm como finalidade possibilitar um espaço para o jovem expor as suas dificuldades na qualidade de desempregados e obterem apoio de profissionais qualificados. Deste modo, espera-se contribuir para que esta população possa se preparar para a reinserção no mercado de trabalho de forma saudável, conscientes das dificuldades cada vez maiores que vão enfrentar, além de fortalecer suas capacidades, desenvolver suas habilidades e amenizar o seu sofrimento.

As limitações deste estudo referem-se a um número reduzido de participantes. No entanto, a análise dos dados revelou a necessidade de se pensar em alternativas de trabalho ou outros tipos de ocupação, para esta população, durante os períodos de baixa produção. Como ponto de partida, propõe-se a realização de mais estudos acerca do fenômeno do desemprego juvenil, análogo as condições de empregabilidade da região do Vale do Paranhana.

Considerações finais do relatório

Partindo do problema inicial, que era o de verificar a relação entre as habilidades sociais e o bem-estar psicológico de jovens em situação de desemprego, a análise dos resultados evidenciou que houve correlação significativa entre habilidades sociais e bem-estar psicológico ($p < 0,05$) indicando que, entre os jovens desempregados, quanto maior for o índice de habilidades sociais maior é o nível de saúde.

Além disso, a maioria dos jovens apresentou nível médio e alto de habilidades sociais e de bem-estar psicológico. Entende-se que o pouco tempo de desemprego da maior parte da população pesquisada pode ter contribuído para que estes níveis fossem mais elevados. Observou-se ainda que muitos dos jovens, deste estudo, residem com seus familiares, sendo que diante da situação de desemprego podem contar com o apoio financeiro e afetivo de seus pais, o que também pode contribuir para amenizar o sofrimento e gerar bem-estar psicológico.

Outros dois fatores também podem contribuir para que esta população apresente bom escore de saúde e de habilidades sociais: primeiro a saída voluntária do emprego, indicando que o jovem foi em busca de novas oportunidades de trabalho, o que sugere que, ao sair do emprego, ele pode visualizar uma nova oportunidade e não um sofrimento. A seguir, o trabalho informal - atividade sem proteção social – também pode ser uma forma do jovem amenizar os desgastes gerados pela situação de desemprego.

Ressalta-se que neste estudo os fatores que aumentaram o tempo de desemprego foram: ser mulher, baixo nível de escolaridade, trabalho informal e não ter apoio dos pais. Além disso, observou-se que os trabalhadores, que no passado tiveram vínculos formais de trabalho, possuíam menor bem-estar psicológico do que os de vínculos informais.

No segundo estudo, através da análise qualitativa da experiência subjetiva de quatro jovens em situação de desemprego, a apreciação do material coletado revelou que o conhecimento adquirido em sala de aula e em cursos de aperfeiçoamento e uma boa relação familiar podem auxiliar o jovem a desenvolver um bom repertório de habilidades sociais. Por outro viés, fatores emocionais, como a ansiedade, podem diminuir a capacidade do jovem em perceber a realidade e, conseqüentemente, reduzem a freqüência das atitudes assertivas.

Alguns aspectos, aliados a falta de emprego, como falta de moradia, pouco ou nenhum apoio familiar podem diminuir o nível de bem-estar. Em relação à situação de desemprego, as dificuldades apontadas pelos jovens foram: a influência da econômica mundial sobre a economia nacional e regional, como a baixa do valor do dólar, que refletiu na produção de calçado, reduzindo as exportações e, conseqüentemente, aumentou o número de pessoas

desempregadas; a oscilação da produção de calçado que em certas épocas do ano é maior do que em outras e o baixo nível de escolaridade.

Esta realidade nos faz pensar que deve haver alternativas de trabalho ou outros tipos de ocupação, para esta população, durante os períodos de baixa produção. Neste sentido, sugere-se que as questões destacadas em ambos os estudos – quantitativo e qualitativo - devem ser consideradas no planejamento de futuras intervenções psicossociais de cunho preventivo para a população jovem em situação de desemprego do Vale do Paranhana. Ressalta-se que o campo de ação das intervenções não pode restringir-se somente ao financiamento de uma parte da remuneração do jovem como, o benefício do seguro desemprego. É necessário que, no programa de intervenções, estejam incluídas atividades de reflexão, apoio, aprendizagem e de treinamentos, como por exemplo, os que já vêm sendo realizados junto às agências dos SINEs. Estas intervenções auxiliam o jovem a se conscientizar das dificuldades a serem enfrentadas, pode fortalecer as suas capacidades, desenvolver habilidades e amenizar o sofrimento gerado pela situação de desemprego, para que eles possam se preparar para a reinserção no mercado de trabalho de forma saudável.

Referências

- Ahs, A., & Westerling, R. (2005). Self-rated health in relation to employment status during periods of high and of low levels of unemployment. *Europeans Journal of Public Health, 3*, 294-304.
- Albuquerque, L. S. G. (2009). Mobilidade de emprego entre os jovens no Brasil. Nota Técnica. *Mercado de Trabalho, 38*, 21-26.
- Aquilini, de H., & Costa, P. L. (2003). O sobre-desemprego e a inatividade das mulheres na metrópole paulista. *Estudos Avançados, 17*, 17-34.
- Asmus, C. I. R. F., Raymundo, C. M. , Barker, S. L., Pepe, C. C. C. A., Ruzany, M. H. (2005). Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho: lições aprendidas. *Ciência e saúde coletiva vol.10 no.4* Rio de Janeiro.
- Bacikova-Sleskova, M., Van Dijk, J. P., Madarasova-Geckova, A., Nagyova, I., Salonna, F., Reijneveld, S. A., & Groothoff, J. W. (2007). The impact of unemployment on school leavers' perception of health. Mediating effect of financial situation and social contacts? *International Journal of Public Health, 52*, 180-187.
- Bandeira, M., & Quaglia, M. A. C. (2006). Comportamento Assertivo: Relações com ansiedade, locus de controle e auto-estima. In M. Bandeira, Z A. P. Del Prette, & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 181-189). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Bandeira, M., Rocha, S. S., Pires, L. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Competência acadêmica de crianças do Ensino Fundamental: Características sociodemográficas e relação com as habilidades sociais. *Interação em Psicologia, 10*, 53-62.
- Barbara, M. M. (1999). Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: Percepção e sofrimento do trabalhador. *Psicologia: Ciência e Profissão, 19*, 30-49.
- Bastos, R. L. A. (2006). Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: A experiência recente da Região Metropolitana de Porto Alegre. *Revista Brasileira Estudos de População, 239*, 301-315.
- Berth, H., Förster, P., & Brähler, E. (2005). Unemployment, job insecurity and life satisfactions: Results of a study with young adults in the nex German states. *Soz Praventivmed, 50*, 361-369.

- Bjarnason, T., & Sigurdardottir, T., J. (2003). Psychological distress during unemployment and beyond: Social support and material deprivation among youth in six northern European countries. *Social Science & Medicine*, 56, 973-985.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prete, Z. A. P., Del Prette, G., Montanher, A. R. P., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área de habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette, & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 17-45). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Borges, M. A. G. (2004). O profissional da informação: Somatório de formação, competências e habilidades. In S. G. Baptista, & S. P. M. Mueller (Orgs.), *Profissionais da Informação: O espaço de trabalho* (pp. 55-69). Brasília: Tesaurus.
- Caleiras, J. (2004). Do desemprego à pobreza? Trajetórias, experiências e enfrentamentos. In *VIII congresso luso-afro-brasileiro de ciencias sociais*. Coimbra, (Mímeo).
- Camargo, J. M., & Reis, M. C. (2005). Desemprego: O custo da desinformação. *Revista Brasileira de Economia*, 3, 381-425.
- Campos, T. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. (2000). (Sobre)vivendo nas ruas: Habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 13(3), pp 517-527.
- Constanzi, N. C. (2009). *Trabalho decente e juvenil no Brasil*. Brasília: Organização Internacional do Trabalho - OIT.
- Dathein, R. (2003). *Teorias econômicas e políticas contra o desemprego: Uma avaliação das diferentes propostas*. Porto Alegre: Departamento de Ciências Econômicas - UFRGS.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho*. (5ª ed., A. I. Paraguay, & L. L. Ferreira, trads.). São Paulo: Cortez - Oboré.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de habilidades sociais: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Avaliação multimodal de habilidades sociais em crianças: Procedimentos, instrumentos e indicadores. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette, & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 47-68). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P. et al. (2004). Habilidades sociais de estudantes de Psicologia: Um estudo multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 341-350.

- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE - Mercado de trabalho formal brasileiro nos anos recentes. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/notatecnica/notatec80Caged.xml>. Acessado em: 05/02/10.
- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE – Boletim trabalho no comércio. O jovem comerciário: trabalho e estudo. Ano I – n° 3 – maio de 2009. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/esp/boletimTrabalhoComercio3.pdf>. Acessado em: 05/02/10.
- Durighetto, C. P. (2005). Trabalho Infantil: Aspectos *Jurídicos e Sociais*. Monografia de Conclusão do Curso. Adamantina: Faculdades Adamantinenses Integradas - FAI.
- Fergusson, D., M., Boden, J., M., & Horwood, L., J. (2007). Unemployment and suicidal behavior in a New Zealand Birth cohort: A fixed effects regression analysis. *Crisis*, 28, 95-101.
- Ferreira, J. (1999). *Inimigos do futuro - Kirkpatrick Sale. A guerra ludista contra a revolução industrial e o desemprego*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Filgueiras, L., & Pinto, E. C. (2003). Afinal quem são os desempregados na região metropolitana de Salvador. In L. N. Souza (Org.), *Emprego e desemprego* (pp. 37-48). Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Flori, P. M. (2003). *Desemprego de jovens: Um estudo sobre a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro*. Mestrado em Economia. Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP.
- Galeazzi, I. M. S. (2002). Desemprego. In A. D. Cattani (Org.), *Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia* (4ª ed., pp. 67-72). Petrópolis: Vozes, Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Garnezy, N., & Masten, A. (1994). Chronic Adversities. In M. Rutter, E. Taylor, & L. Herson (Orgs.), *Child and Adolescent Psychiatry* (pp.191-207). Oxford: Blackwell Scientific.
- Gerk, E., & Cunha, S. M. (2006). As habilidades sociais na adaptação de estudantes ao ensino superior. In M. Bandeira, Z A. P. Del Prette, & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 182-198). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Giatti, L., & Barreto, S. M. (2006). Situação do indivíduo no mercado de trabalho e iniquidade em saúde no Brasil. *Revista Saúde Pública*, 40, 99-106.
- Guilland, R., & Monteiro, J. K. (2009). Jovem e desemprego: o estado da arte. Submetido à Revista Psicologia: Organizações e Trabalho.

- Guilland, R., & Monteiro, J. K. (2009). O jovem e o desemprego. In Monteiro, J. K.; Abs, D. (org) *Desemprego e saúde mental: pesquisas e práticas clínicas de atendimento psicológico*. Viamão: Entremeios, pp. 78-92.
- Gonçalves, L. G. (2008) *Desemprego, trabalho sem proteção social e saúde: Uma análise do indivíduo e do contexto*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Grupo Sinos. Guia Econômico do Vale do Rio dos Sinos, Vale do Caí, Vale do Paranhana/Encosta da Serra Região das Hortênsias 2009/2010, Grupo Sinos, Novo Hamburgo/RS, 33, 74-91.
- Guimarães, N. A. (2002). Por uma sociologia do desemprego. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17, 104-121.
- Guimarães, N. A., Hirata, H. S., Montagner, P., & Sugita, K. (2004). Desemprego- mercados, instituições e percepções: Brasil e Japão numa perspectiva comparada. *Tempo Social*, 2, 257-287.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: Esta é a questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 22 n. 2, pp 201-210.
- Hamalainen, J., et al. (2005). Major depressive episode related to long unemployment and frequent alcohol intoxication. *Nordic Journal of Psychiatry*, 59, 486-491.
- Hultman, B., & Hemlin, S. (2008). Self-rated quality of life among the young unemployed and the young in work in northern Sweden. *Work*, 30, 461-72.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Org.). (2009). *Pesquisa Mensal de Emprego*. Rio de Janeiro: Autor.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Org.). (2007). Desemprego. *Mercado de Trabalho*, 34, 23-34.
- Jacob, M., & Kleinert, C. (2008). Does Unemployment Help or Hinder Becoming Independent? The Role of Employment Status for Leaving the Parental Home. *Source: European Sociological Review*, 2, 141-153.
- Jacques, M. da G. C. (2003). Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental e trabalho. *Psicologia e Sociedade*, 15, 97-116.
- Kliksberg, B. (2006). O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: As grandes interrogações. *Revista Administração Pública*, 40, 909-942.
- Lee, D. Y., & Holoviak, S. J. (2006). Unemployment and crime: An empirical investigation. *Applied Economics Letters*, 13, 805–810.

- Lima, J. C. (2008). Reestruturação industrial, desemprego e autogestão: As cooperativas do Vale dos Sinos. *Sociologias*, 19, 212-249.
- Lima, M. E. A., & Borges, A. F. (2002). Impactos Psicossociais do Desemprego de Longa Duração. In I. B. Goulart (Org.), *Psicologia Organizacional e do Trabalho: Teoria e temas correlatos* (pp. 337-355). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lindström, M. (2005). Psychosocial work conditions, unemployment and self-reported psychological health: A population-based study. *Occupational Medicine* (Lond), 55, 568-71.
- Lipp, M. E. N., & Tanganelli, M. S. (2002). Stress e qualidade de vida em magistrados da justiça do trabalho: Diferenças entre homens e mulheres. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 537-548.
- Menezes, W. F., & Dedecca, C. S. (2006). Avaliação da duração do desemprego nas regiões metropolitanas de Salvador e de São Paulo. *Revista economia contemporânea*, 1, 35-60.
- Minayo, M., C., S., Deslandes, S., F., & Gomes, R. (2007). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (25ª ed.). Petropolis, RJ: Vozes.
- Minayo-Gomez, C., & Thedim-Costa, S. M. da F. (2003). Incorporação das ciências sociais na produção de conhecimentos sobre trabalho e saúde. *Ciências e Saúde Coletiva*, 8, 125-136.
- Mossakowski, K. N. (2008/09). Is the duration of poverty and unemployment a risk factor for heavy drinking? *Social Science & Medicine*, 6, 947-955.
- Mroz, T. A., & Savage, T. H. (2005). The Long-Term Effects of Youth Unemployment. *The Journal of Human Resources*, 12, 259-293.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da Produção Nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 283-291.
- Pappámikail, L. (2004). Relações intergeracionais, apoio familiar e Transições juvenis para a vida adulta em Portugal. *Sociologia*, 46, 91-116.
- Pereira, M. C., & Brito, M. J. de (2006). Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: Uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do mercado de trabalho industrial. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 6, 143-181.
- Pinheiro, L. R. S., & Monteiro, J. K. (2007). Refletindo sobre desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos psicologia social trabalho*, 10, 35-45.
- Ramirez, D. C., & Cruz, R. M., (2009). Conflito escolar: Vulnerabilidade e desenvolvimento de habilidades sociais. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia*, 2, 79-95.

- Reine, I., Novo, M., & Hammarström, A. (2004). Does the association between ill health and unemployment differ between young people and adults? *Journal of the Institute of Public Health, 118*, 337-345.
- Reis, M. C., & Camargo, J. M. (2007). Desemprego dos jovens no Brasil: Os efeitos da estabilização da inflação em um mercado de trabalho com escassez de informação. *Revista Brasileira Economia, 4*, 493-518.
- Sanchis, E. (1997). Da escola ao desemprego. (M. Corbuci, M. Vieira, & C. Linhares, trads.). Rio de Janeiro: Agir.
- Santana, V. S. (2006). Saúde do trabalhador no Brasil: Pesquisa na pós-graduação. *Revista Saúde Pública, 40*, 101-111.
- Santos, A. F. & Alves Junior, A. (2007). Estresse e estratégias de enfrentamento em mestrandos de ciências da saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. vol.20 no.1 Porto Alegre. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>? Acessado em: 25/09/09.
- Santos, M. I. (2002). *Projeto de vida e perspectivas futuras: Um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Sarriera, J. C. (1998). Da orientação profissional para a inserção do jovem no trabalho. *Revista da ABOP, 2*, 75-80.
- Sarriera, J. C., Câmara, S. G., & Berlim, C. C. (2000). Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*, 189-198.
- Sarriera, J. C., Schwarcz, C., & Câmara, S. G. (1996). Bem-estar Psicológico: Análise Fatorial da Escala de Goldberg (GHQ-12) numa Amostra de Jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 2*, 293-306.
- Sarriera, J. C., Silva, M. A., Kabbas, C. P., & Lopes, V. B. (2001). Formação da identidade ocupacional em adolescentes. *Estudos psicologia, 6*, 27-32.
- Segre, M., & Ferraz, F. C. (1997). O conceito de saúde. *Revista Saúde Pública, 31*, 538-542.
- Shek, D. T., & Lee, B. M. (2004). [quot] Non-engaged [quot] young people in Hong Kong: Key statistics and observations. *International Journal Adolescent Medicine and Health, 16*, 145-63.
- Silva, E. R. A da & Andrade, C. C. de (2009). A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. IN: CASTRO, J. A. de, AQUINO, L. M. C. de, ANDRADE, C. C. de

- (orgs). Juventude e políticas sociais no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Brasília, p. 41 - 70
- Silva, R. A. da. et al. (2007). Bem-estar psicológico e adolescência: Fatores associados. *Caderno de Saúde Pública*, 23, 1113-1118.
- Silva, S. P. (2002). Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Cadernos CEDES*, 22, 23-43.
- Singer, P. (2000). A crise das relações de trabalho. In A. Jerusalinsky, A. C. Merlo, & A. L. Giongo et al. (Orgs.), *O valor simbólico do Trabalho e o sujeito contemporâneo* (pp. 57-65). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Sparrenberger, F., Santos, I., & Costa Lima, R. (2004). Associação de eventos de vida produtores de estresse e mal-estar psicológico: Um estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, 20, 249-258.
- Sposito, M. P. (2000). Juventude, pesquisa e escolarização. In Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Org.), *24ª Reunião Anual da ANPEd. Resumos GT-8* (p.1-13). Caxambu: Autor.
- Stoz, E. N., (1993). Enfoques sobre educação e saúde. In V. V. Valla, & E. N. Stotz (Orgs.), *Participação popular, educação e saúde: Teoria e prática* (pp. 11-22). Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Terra, C. P., Carvalho, J. A. S., Azevedo, J. E. A., Venezian, L. de A., & Machado, S. B. (2006). Desemprego: discurso e silenciamento: Um estudo com clientes de um serviço de aconselhamento psicológico. *Cadernos de Psicologia Social Trabalho*, 1, 33-51.
- Thomas, C., Benzeval, M., & Stanfeld, S. A. (2005). Employment transitions and mental health: An analysis from the British household panel survey. *Journal of Epidemiology & Community Health*, 59, 243-9.
- Wicker, L. F. (2006). Desemprego e juventude: Jovens em busca do primeiro emprego. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2, 258-269.
- Yamasaki, A. et al. (2009). Suicide mortality of young, middle-aged and elderly males and females in Japan for the years 1953-96: Time series analysis for the effects of unemployment, female labour force, young and aged population, primary industry and population density. *Industrial Health*, 46, 541-9.
- Yin, R. K. (2001). Estudo de caso: Planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Este questionário faz parte de estudo sobre Habilidade Social e Bem-Estar Psicológico de jovens desempregados. Responda todas as questões com sinceridade.

01 - Idade: _____

02 - Sexo: () feminino () masculino

03 - Estado Civil: _____

04 – Quantas vezes você fala com seu pai por ano:

- () Todos os dias.
- () Entre 01 a 03 dias da semana.
- () Entre 01 a 04 dias no mês.
- () Somente em datas comemorativas.
- () Nunca falo/falei com ele. Explique o motivo:

05 – Quantas vezes você fala com sua mãe por ano:

- () Todos os dias.
- () Entre 01 a 03 dias da semana.
- () Entre 01 a 04 dias no mês.
- () Somente em datas comemorativas.
- () Nunca falo/falei com ela. Explique o motivo:

06 – Tem filhos? Se sim, quantos?

- () não () sim () 1 () 2 () 3 () 4 ou mais

07 – Número de irmãs e/ou irmãos:

- () nenhum () 1 () 2 () 3 () de 4 a 6 () 7 ou mais

08 – Sua posição entre irmãos:

() é filho (a) único (a) () é o (a) mais velho () é o (a) mais novo (a) () está entre o mais novo e o mais velho

09 – A sua escolaridade é:

- () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo
- () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

10 – Neste momento você está freqüentando alguma escola?

não sim, em que turno? manhã tarde noite

11 – A escolaridade do seu pai é:

Analfabeto Ensino fundamental Ensino Médio Ensino Superior

12 – A escolaridade de sua mãe é:

Analfabeta Ensino fundamental Ensino Médio Ensino Superior

13 – Você fez algum curso como informática, modelagem ou outros?

não sim, quais?

14 – Renda familiar aproximada:

até 500 reais de 501 a 1000 reais de 1001 a 1500 reais de 1501 a 2000
reais de 2001 a 2500 reais de 2501 a 3000 reais acima de 3000 reais

15 – Você mora em casa própria ou alugada?

Própria Alugada Com familiares Outros, explique:

16 – Quantas pessoas moram na casa?

1 2 3 4 5 a 9 10 ou mais pessoas

17 – Há quanto tempo você está desempregado? Escreva a resposta em meses.

18 – Você já trabalhou com registro em carteira profissional de trabalho?

sim não

19 – Você já trabalhou fazendo “bicos”?

não sim, quais?

20 - Quanto tempo você trabalhou?

06 meses de 06 a 01 ano de 01 ano a 1,6 anos de 1,6 anos a 2
anos de 2 anos a 2,6 anos de 2,6 anos a 3 anos mais de 03 anos.

21 – Em quantas empresas você trabalhou?

01 empresa 02 empresas 03 empresas 04 empresas 05 empresas
 06 empresas mais de 06 empresas.

22 – Você já exerceu mais de uma função de trabalho, nas empresas por onde passou?

não sim, quais?

23 – Você já foi promovido em alguma das empresas em que trabalhou?

não sim, quais?

24 – Você participou de alguma atividade na empresa como CIPA, programa de qualidade ou outras atividades?

não sim, quais?

25 – Se você já participou de atividades na empresa qual foi a sua posição no grupo:

membro da equipe secretária (o) coordenador do grupo coordenador do grupo
 outros, qual? _____

26 – Das empresas que você trabalhou, na maioria delas foi demitido ou pediu demissão?

Demitido Pediu demissão

27 – Qual foi o motivo da sua saída da última empresa em que trabalhou?

- Redução do quadro de funcionários
- Empresa fechou
- Dificuldade de relacionamento com os colegas
- Dificuldade de relacionamento com a chefia
- Salário baixo
- Recebeu proposta melhor em outra empresa
- Mudança de endereço do candidato
- Mudança de endereço da empresa
- Outro. Qual? _____

28 – Você já participou de atividades na cidade em que você mora como grupos de igreja, escoteiros ou outras atividades?

não sim, quais?

29 – Se você participa ou participou, qual é/foi a sua posição nestes grupos:

membro da equipe secretária (o) coordenador do grupo monitor de grupo
 outros, qual?

ANEXO B - QUESTIONÁRIO DE SAÚDE GERAL (QSG-12)

INSTRUÇÕES. Gostaríamos de saber se você tem tido algumas enfermidades ou transtornos e como tem estado sua saúde nas últimas semanas. Por favor, marque simplesmente com um **X** a resposta que a seu ver corresponde mais com o que você sente ou tem sentido. Lembre que queremos conhecer os problemas recentes e atuais, não os que você tenha tido no passado. É importante que você **RESPONDA A TODAS AS PERGUNTAS**.

VOCÊ ULTIMAMENTE:

1 – Tens conseguido te concentrar no que fazes?

- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| (0) Mais do que o de costume | (2) Menos que o de costume |
| (1) O mesmo que o de costume | (3) Muito menos que o de costume |

2 – Tens perdido o sono com preocupações?

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| (0) Não | (2) Mais que o de costume |
| (1) Não mais que o de costume | (3) Muito mais que o de costume |

3 – Tu te sentes útil na vida?

- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| (0) Mais que o de costume | (2) Mais que o de costume |
| (1) O mesmo que o de costume | (3) Muito menos que o de costume |

4 – Tu te sentes capaz de tomar decisões?

- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| (0) Mais que o de costume | (2) Menos que o de costume |
| (1) O mesmo que o de costume | (3) Muito menos que o de costume |

5 – Tem te sentes constantemente sob pressão?

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| (0) Não | (2) Mais que o de costume |
| (1) Não mais que o de costume | (3) Muito mais que o de costume |

6 – Tens tido prazer em fazer tuas atividades normais, do dia-a-dia?

- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| (0) Mais que o de costume | (2) Menos que o de costume |
| (1) O mesmo que o de costume | (3) Muito menos que o de costume |

7 – Tens a sensação de não pode superar as dificuldades?

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| (0) Não | (2) Mais que o de costume |
| (1) Não mais que o de costume | (3) Muito mais que o de costume |

8 – Tens te sentido capaz de enfrentar teus problemas?

- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| (0) Mais que o de costume | (2) Menos que o de costume |
|---------------------------|----------------------------|

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO D - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

SITUAÇÃO FAMILIAR

- 01 – Quantas pessoas moram com você?
- 02 - Qual é o grau de parentesco destas pessoas?
- 03 – Explique sua relação com cada membro da família?

SIGNIFICADO DE TRABALHO

- 01 – Para você, o que significa trabalho?
- 02 - Quanto tempo você está desempregado?
- 03 – Quantos empregos você teve?
- 04 – Qual foi o motivo que o fez sair destes empregos?
- 05 - De quantas entrevistas você participou até o momento?
- 06 – Qual foi o resultado destas entrevistas? Por quê? Como se sentiu?
- 07 – Recebeu alguma resposta das empresas nas quais participou de entrevistas? Qual foi a resposta?
- 08 – Buscou emprego em que atividades? Por quê?
- 09 – Por que imagina que não consegue emprego? Quais são as maiores dificuldades?

APOIO FAMILIAR

- 01 – Como a sua família percebe a sua situação de desemprego?
- 02 – Você tem recebido algum tipo de apoio (emocional e/ou financeiro) neste momento? De quem? Como este apoio tem sido?

AUTOPERCEPÇÃO

01 – No seu grupo de amigos existem mais pessoas desempregadas?

02 - Como você se sente no grupo em relação a esta situação?

03 – Como você percebe sua saúde física e emocional nas últimas duas semanas?

Explique.

04 – Como você descreve seu perfil? Busque relatar os pontos fortes e fracos de sua personalidade.

EXPECTATIVAS DE FUTURO

01 - Você está estudando ou fazendo cursos? Já fez quais?

02 – No que você se imagina trabalhar?

03 - Quais são teus sonhos ou projetos?

04 – Como pensa realizar estes projetos?

ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO F – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**JOVEM EM SITUAÇÃO DE DESEMPREGO:
HABILIDADES SOCIAIS E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO**

Romilda Guiland

Dissertação de Mestrado

São Leopoldo, 2010